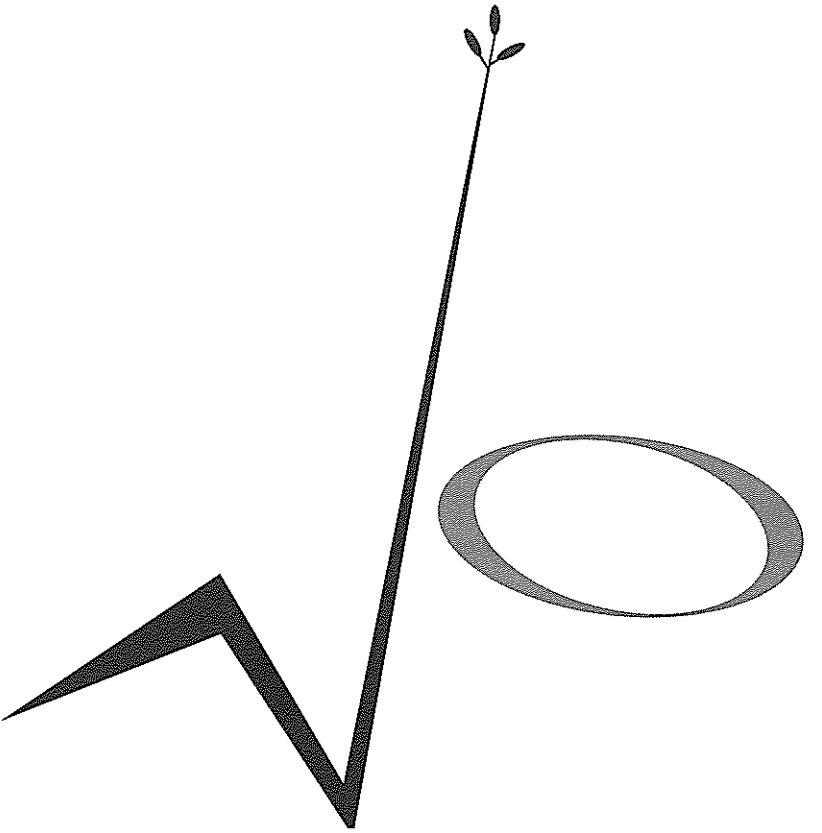


PAULO POR COMPANHEIRO

NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Carlos Pinto (sub-director)
David Palatino
Diogo Correia
Hugo Gomes
Hugo Gonçalves
Miguel Pereira
Nuno Rosário Fernandes
Samuel Costa

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

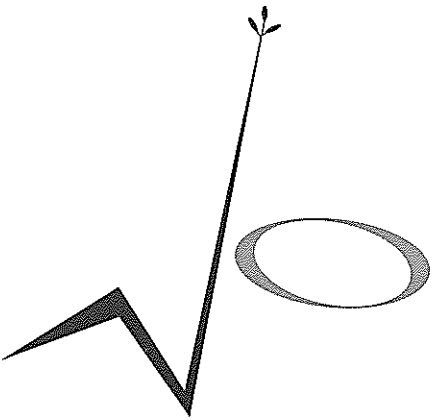
DEPÓSITO LEGAL: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

PREÇO
€ 5

Capa: *Interpretação de um ícone sérvio do século XIV - Cónego João Marcos*



SUMÁRIO

EDITORIAL 7

«DEITAR-VOS-ÃO NO REGAÇO UMA BOA MEDIDA, CALCADA, SACUDIDA, TRANSBORDANTE» 11
Cónego Nuno Brás da Silva Martins

O KERIGMA PAULINO 29
Ricardo pinto

PAULO, COMUNICADOR DE CRISTO 41
Nuno Rosário fernandes

ICONOGRAFIA PAULINA - UMA BREVE INTRODUÇÃO 49
Cónego João Marcos

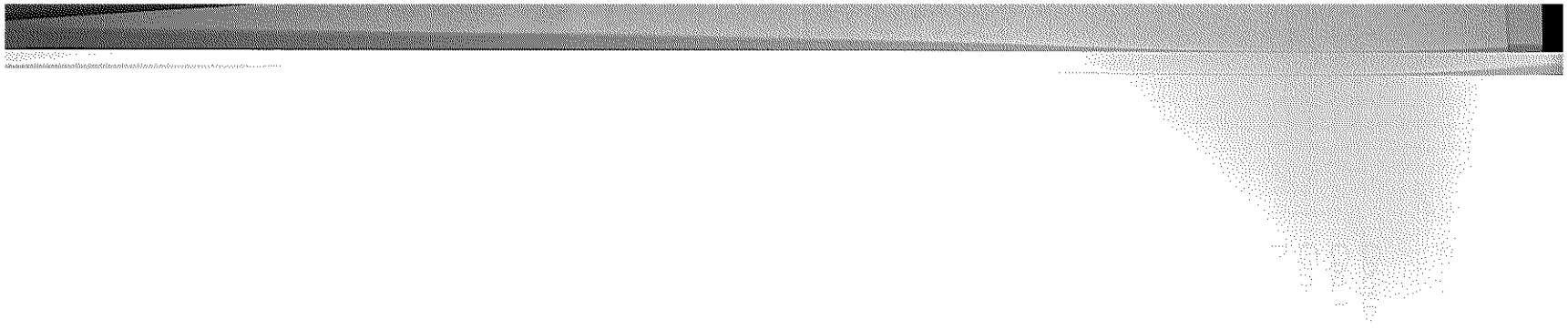
S. PAULO NA MINHA VIDA - TESTEMUNHOS 61

PELOS CAMINHOS DE SÃO PAULO 73
Cónego João marcos

A IGREJA E OS MEDIA 87
Nuno Rosário fernandes

OS NOVENTA ANOS DO CÓNEGO JOSÉ FERREIRA 96

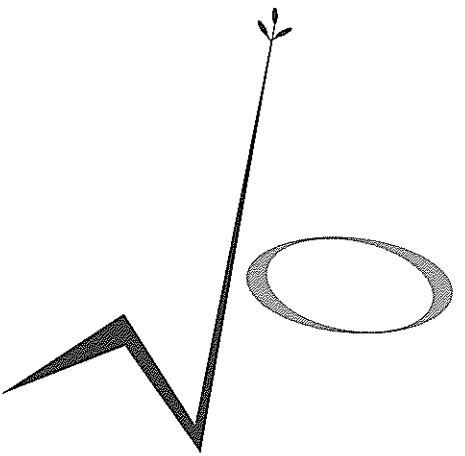
CRÓNICA 99
Diogo Correia



PAULO POR COMPANHEIRO



No dia 11 de Setembro a comunidade do Seminário dos Olivais iniciou o novo ano em peregrinação à Igreja Jubilar de São Paulo em Salvaterra de Magos.



EDITORIAL

"Em toda a parte encontrei irmãos e tive **Paulo por companheiro**". Com esta palavras Abércio, bispo de Hierápolis no século II, conclui no seu epitáfio a descrição das viagens que fez.

Paulo por companheiro...

Ainda hoje têm Paulo por companheiro e mestre todos os cristãos que, domingo após domingo recebem na mesa da Palavra a palavra das suas cartas que continuam a acolher "não como palavra humana, mas como é de facto, Palavra de Deus, que permanece activa naqueles que acreditam"(Cf. 1Tes 2,13). Temos Paulo por companheiro muito querido (mas incómodo também) todos nós que no Seminário nos preparamos para ser participantes do

ministério apostólico como presbíteros. Raras são as celebrações litúrgicas em que não ouvimos um trecho de Paulo. E haverá alguma perscrutação da Palavra que não nos leve às suas epístolas? É inevitável cruzarmo-nos com ele, ardente e apaixonado, ternurento ou indignado, firme na proclamação da Verdade, e, no entanto, humilde e pequeno, cheio de caridade, feito tudo para todos inteiramente devotado ao serviço de Cristo e do seu Evangelho. Temo-lo por companheiro de um modo especial neste Ano Paulino em que Bento XVI convida toda a Igreja a recentrar a sua vida na Palavra de Deus; e, obviamente, temo-lo por companheiro também ao longo das páginas deste número da Novellae Olivarum que o leitor tem nas suas mãos.

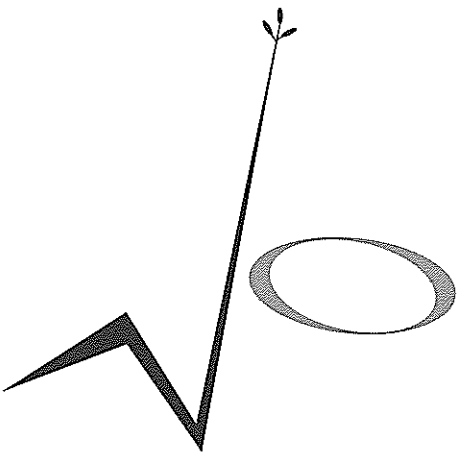
É tudo "prata da casa": um artigo do Ricardo Pinto sobre o **Kerigma Paulino**, dois trabalhos do Nuno Rosário Fernandes sobre **Paulo, comunicador de Cristo**, e a **Igreja e os Media**; o cónego João Marcos convida-nos a visitar o vasto e belo campo da **Iconografia Paulina** e partilha connosco o seu *diário de bordo* de uma Peregrinação **pelos Caminhos de São Paulo** na Grécia e na Turquia, realizada no verão passado; e um conjunto de quatro testemunhos sobre a importância de **"Paulo na minha vida"** completa o núcleo paulino deste número da nossa revista. Antes, começamos por oferecer aos leitores a bela conferência («**Deitar-vos-ão no regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante**») que o nosso Reitor, cónego Nuno Brás, nos fez no início do ano. É um texto importante porque marca a orientação básica de toda a formação aqui ministrada àqueles que em breve serão incorporados no presbitério diocesano. Lendo-a, podereis ficar mais sintonizados com o espírito que nos anima. Damos ainda notícia e testemunho da linda festa dos 90 anos do Cónego José Ferreira, e a **Crónica** da vida do Seminário, elaborada pelo Diogo Correia, conclui este número da nossa revista.

Paulo por companheiro?

Não é fácil acompanhar a sua "pedalada" espiritual. Ele mesmo se queixava no fim da vida (Cf. 2Tim 4,11-12.16): "todos me abandonaram...só Lucas está comigo". E pede a Timóteo que lhe traga Marcos, o primeiro de muitos que o abandoanram mas que depois se reconciliou com ele - Marcos, aquele mesmo que em Perge da Panfília deixou a missão e voltou para casa aborrecido talvez por ver como ele suplantou o seu primo Barnabé que começara como responsável da mesma (Cf. Act 13,13). Mais tarde será a vez de Barnabé discutir com Paulo e seguir o seu próprio caminho (Cf. Act 15, 36-40).

Ainda hoje, Paulo é um companheiro incómodo para quem tem pouco amor a Jesus Cristo e não está calçado com o zelo para anunciar o Evangelho. O problema é que se não nos agrada a companhia de Paulo e dela nos dispensamos rejeitamos também o Senhor que o constituiu apóstolo e vaso de eleição para levar o seu nome e no-lo deu por companheiro e mestre, «doutor das nações» na fé e na verdade (Cf. 1 Tim 2,7).

Paulo por companheiro? Claro que sim, e não apenas durante o ano paulino mas ao longo de toda a nossa vida... e, assim o esperamos, também no céu.



«DEITAR-VOS-ÃO NO REGAÇO UMA BOA MEDIDA, CALCADA, SACUDIDA, TRANSBORDANTE» (*LC* 6,38)

Cónego Nuno Brás da Silva Martins

1. Uma cultura em que o homem é a medida de tudo

O nosso tempo é marcado claramente por grandes conquistas do homem. Conquistas, no entanto, que têm essencialmente a ver com o progresso científico e, sobretudo, tecnológico. Mas não só. Ainda que devamos denunciar que o progresso moral se encontra muito longe de corresponder ao progresso científico e tecnológico, devemos também reconhecer que, em algumas áreas, a humanidade em geral, e a nossa sociedade ocidental em particular, alguma coisa caminhou. Basta comparar

como (apesar de tudo) hoje é mais difícil fazer a guerra que há anos atrás

Todas estas conquistas parecem ser isso mesmo: conquistas homem. Recordo ainda os momentos da queda do Muro de Berlim, há 19 a e como no ar aparecia a sensação de que, finalmente, era possível const uma nova ordem mundial, baseada em valores humanos (senão me cristãos). Depois desse primeiro momento de entusiasmo, tudo começ parecer mais difícil ou mesmo impossível, com o pessimismo e a desilusão se seguiu àqueles meses onde parecia ser finalmente possível construir al

A grande questão é, no entanto, precisamente essa: vivemc pensamos a partir das nossas conquistas. Vivemos e pensamos comc fossemos donos absolutos da nossa vida (e, também por isso, nos é difícil v a morte), como se tudo dependesse do nosso querer, como se tudo nos f possível – pelo que nos poderíamos, até, dar ao luxo de não querer e desistir (essa atitude tão típica do homem pós-moderno)! Trata-se ficarmos enfadados com tanto querer, cansados de tanto trabalho, e reivindicar um momento de pausa, de lazer, de "*dolce farniente*". Mas, se virr bem, a atitude é exactamente a mesma: o homem como centro de tudo, mundo, da sociedade em que vive, da sua própria vida.

A bem dizer, esta atitude – que é aquela que nos afirma independer de tudo e de todos e, por isso, com a possibilidade de decidir acerca de tuc de todos (também da vida de cada um, sem qualquer limitação) – está origem das chamadas «opções fracturantes»: a mãe tem o direito a dec sobre o seu corpo e, por isso, é um seu direito realizar o aborto; o doente t direito de decidir sobre a sua vida e, por isso, tem o direito de decidir sobı momento em que deve morrer; o marido tem o direito de ser feliz e, por is

tem o direito de recomeçar uma nova vida ao lado da companheira que escolheu, declarando que já não quer mais viver com a sua esposa e com os seus filhos; e poderíamos continuar, quase infinitamente.

Para nós, é claro que se trata de profundas questões culturais, que trazem consigo um modo de ver o mundo, o ser humano e a sua vida, que em breve irão fazer sentir as suas consequências negativas, particularmente na vida da nossa sociedade, condenada ao desaparecimento por conter no seu seio um número infinito de pequenos (ou pretensamente grandes) deuses – e que quase coincide com o número dos próprios indivíduos que a compõem. É aquilo a que o Papa João Paulo II apelidou de «cultura da morte», quer dizer: uma cultura que, paradoxalmente, está longe de trazer em si (ao contrário do que é norma em cada cultura) os princípios da sua sobrevivência, mas traz antes aqueles outros que a condenam ao desaparecimento, à morte.

Para nós, é claro que um mundo em que o egoísmo humano se arvora em lei suprema, em que cada um é lei para si próprio e para os outros, é o mundo do pecado, é o mundo da morte. Mas bastará tomarmos consciência de que tudo isto é moralmente inaceitável? Olhando para cada um de nós, será que não encontramos, precisamente naquelas atitudes menos pensadas e mais espontâneas (aquelas em que inconscientemente mostramos aquilo que somos) que, afinal, também nós trazemos intimamente as marcas desta mesma cultura de morte?

Somos filhos desta cultura. Ela marca-nos, a ponto de fazer parte da nossa identidade. Isso pode desculpar-nos, perante os outros. Mas será que isso nos basta, a nós cristãos, seminaristas, Padres? Será que nos basta dizer que todos são assim? Será que não nos cabe a nós assumirmos uma nova

cultura, com novos princípios, que possa dar fruto abundante nas diferente comunidades para onde formos enviados, que possa ser fermento (pouc importa se a favor ou contra a corrente) de algo verdadeiramente novo?

Façamos também aqui um parêntesis – muito importante, aliás, par chegarmos a qualquer coisa de novo, de verdadeiramente novo nas nossa comunidades cristãs – para olharmos o nosso pensamento teológico habitual Qual é o centro, o ponto de partida e o ponto de chegada da reflexão teológic que habitualmente nos é proposta? O homem.

A razão desta escolha (é sempre necessário fazer uma escolha acerc do início da reflexão teológica – mas tenhamos consciência de que est escolha não é sem consequências) prende-se com o facto de a teologia corre o risco de não dizer nada ao ser humano em concreto. Essa era, na verdade uma das tristes características da teologia antes do Concílio Vaticano II (par assumirmos, apenas por motivos práticos, um limite temporal): a reflexã teológica, partindo do «Deus dos filósofos» (e olhando essencialmente para pensamento medieval), deduzia daí as bases e os limites da sua reflexão, e, po isso, mesmo que alimentada pela revelação, dizia pouco às grandes questõe do homem contemporâneo. Daí que não se tivesse hesitado em recentrar edifício teológico no homem, a partir de dois princípios: mostrar como pensamento teológico anterior era vão, e como era essencial *aggiornare* teologia, colocando-a a par do pensamento filosófico: o mesmo é dize assumindo também ela que o homem é centro de todas as coisas. É a chamad «revolução antropológica».

É desta teologia (e também da ignorância do seu pensament profundo, em favor de chavões, frases feitas, afirmações superficiais) que nc

temos alimentado. É nela que a nossa pastoral tem ido beber. E mesmo a liturgia habitual nos diferentes grupos consiste habitualmente num modo de celebrar que «parte da vida» e a ela quer regressar: uma liturgia que satisfaz, que «enche» – leia-se: que procura dar a sensação de alimento para o homem faminto – mas uma liturgia que celebra a nossa vida humana e não a vida de Deus em nós!

Se olharmos para o nosso mundo – e também para o nosso mundo eclesial – temos que reconhecer que ele está centrado no ser humano: e não apenas no ser humano em geral, mas neste ser humano que é cada um de nós: cada um de nós pensa, vive, actua como se fosse o centro de todas as coisas, o centro do mundo.

A questão importa pois que seja colocada: é esta a Igreja de Jesus Cristo? É óbvio que, apesar de tudo, o é, porque a Igreja não depende principalmente do querer dos homens mas da actuação nela de Cristo ressuscitado pela acção do Espírito Santo. Coloquemos a questão de outra forma: cada um de vós vai ser Padre para cumprir o seu projecto, mesmo que generoso e dedicado, ou para cumprir o projecto do único Pastor, do único Sacerdote? Somos Padres, não para cumprir os nossos projectos, os nossos sonhos, mas para sermos presença de Cristo no meio do seu povo – se não fosse assim, seria, eventualmente, legítimo que optássemos, segundo o nosso gosto, por uma ou outra «estratégia pastoral».

2. O ponto de partida de S. Paulo

Olhemos para a figura do «Apóstolo das Gentes» e perguntemo-nos: qual é o seu ponto de partida? Qual é o centro da sua existência apostólica? Qual é o final que é dado a esse viver de Apóstolo? Vamo-nos socorrer de dois

textos centrais para conhecer S. Paulo: *Gal* 1,13-17 e *Filp* 3,4-16. Vejamos, em primeiro lugar, *Gal* 1,13-17:

> «Ouvistes certamente qual foi a minha conduta outrora no judaísmo, como de sobremaneira eu perseguia a Igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.
> Quando, porém, aprouve Àquele que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, revelar em mim o seu Filho, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para junto dos que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia, e voltei, outra vez, para Damasco.»

Olhemos agora *Filp* 3,4-16:

> «Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.
> Mas o que, para mim, era lucro, considerei-o como perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por Ele perdi todas as coisas e considero-as como

esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não com a minha justiça, que procede de lei, mas com aquela que deriva da fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. E isto para que eu o possa conhecer, o poder da sua ressurreição, e a comunhão nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, com a esperança de chegar à ressurreição dos mortos. Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas corro para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.

Irmãos, quanto a mim, não julgo tê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Todos, pois, os que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançámos.»

O primeiro ponto de partida de Paulo era o judaísmo vivido nesse grupo radical, e de certa forma entusiasmante do farisaísmo. Sabemos hoje que os fariseus estavam bem longe de serem um grupo de tiranos hipócritas que manipulavam os judeus pobres em matéria religiosa. Eram antes um grupo religioso que procurava viver, na radicalidade, a Lei de Moisés. Para o fazer, questionavam-se acerca das diferentes situações em que a mesma Lei deveria ser vivida – daí toda a casuística que encontramos à volta do farisaísmo, com os seus comentários e interpretações, e as suas diferentes

escolas que procuravam actualizar a Lei. Vivendo em comunidade, os fariseus entreajudavam-se mutuamente e eram olhados pelo resto do povo com admiração e como seus verdadeiros líderes espirituais. Pacifistas, foram os únicos a sobreviver à derrota da Guerra Judaica, tendo depois (a partir do sínodo de *Jamnia*) imposto o farisaísmo como única linha do judaísmo (como acontece ainda hoje).

Saulo, pela descrição que faz do seu estilo de vida anterior à conversão, era um fariseu convicto. É precisamente por isso que não hesita em perseguir os cristãos, como também reconhece em *1Cor*: «eu sou o menor dos Apóstolos, e não sou sequer digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus» (*1Cor* 15,9).

O que muda quando Paulo é encontrado pelo Ressuscitado no caminho de Damasco? Não muda, certamente, o entusiasmo, a radicalidade, a entrega total à causa de Deus. Mas muda, isso sim, o ponto de partida, aquele a partir do qual Paulo compreende tudo o resto. E esse novo ponto de partida consistiu no encontro que o perseguidor teve com Cristo ressuscitado no caminho de Damasco.

Este encontro é descrito pelo Apóstolo como uma vocação, fruto da «graça», à semelhança de Jeremias (*Jer* 1,5) e do próprio Servo de *Jhwh* (*Is* 49,1), e também como uma «revelação» do Filho na sua pessoa. E em *Filp* 3,12 o Apóstolo é também claro: «corro para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus». Paulo foi, primeiro, conquistado por Cristo, e a sua existência de cristão e de Apóstolo consiste, doravante, em correr para alcançar aquilo para o qual já foi alcançado: o Paulo fariseu foi abandonado; as suas preocupações, os seus interesses religiosos, as suas lutas

deixaram de ter razão de ser; o centro da sua existência era «descentrado». Agora, algo de novo surgiu.

É certo que Paulo continuou a acreditar no mesmo único Deus. Mas é claro, por todas estas passagens dos seus escritos (e muitas outras poderíamos chamar aqui para voltarem a confirmá-lo), que algo mudou de uma forma radical: o Deus de Abraão, Isaac e Jacob; o Deus de Moisés e dos profetas, assumiu agora um novo rosto, o de Cristo ressuscitado.

Não nos importa aqui analisar em que consiste a aparição do Ressuscitado a Paulo, e em que é que tal encontro está (ou não) na sequência das outras aparições de Jesus ressuscitado. Aquilo que aqui nos importa sublinhar é antes esta realidade: a vocação de Paulo à fé cristã e ao ministério apostólico tem a sua origem no facto de ele próprio ter sido encontrado, alcançado, conquistado por Jesus. A raiz da vida cristã de Paulo não é uma sua brilhante dedução teológica, ou uma conquista da sua vontade moral que o conduziu à perfeição; a raiz da novidade que Paulo vive a partir desse momento é o facto de o Ressuscitado o ter encontrado e conquistado.

3. A graça de Deus e o Reino

Quando Deus vem ao encontro do homem, fá-lo com a marca do excesso, da sobreabundância, da graça. A graça é, antes de mais nada, esta realidade transbordante e indevida, que marca o encontro de Deus com o homem. Se pararmos um pouco para pensar nessa realidade, ou se recordarmos o momento em que também nós fomos encontrados pelo Senhor, facilmente o compreenderemos. Trata-se de um momento em que experimentámos aquilo que a Sagrada Escritura habitualmente designa por «temor»: diante da presença de Deus que se faz concreta, visível, palpável, o

homem sente-se demasiado pequeno; as suas seguranças desaparecem; a sua força física é um nada. Diante de Deus, quando encontrado por Ele, o homem teme a morte, o desaparecimento, o esmagamento, percebe a sua incapacidade. Diante do Deus santo, o homem percebe-se pecador: «Ai de mim, estou perdido! – dizia Isaías – Com efeito, sou um homem de lábios impuros, e vivo no meio de um povo de lábios impuros, e os meus olhos viram o Rei, *Jhwh* dos Exércitos» (*Is* 6,5).

Ao longo de toda a Escritura, encontramos inúmeros exemplos deste encontro entre Deus e o homem e do temor que assalta aquele que é encontrado por Deus, e depois chamado e enviado.

O encontro de Paulo com o Ressuscitado na estrada de Damasco insere-se neste conjunto de encontros entre Deus e o homem escolhido para ser a sua presença no meio do seu povo e das nações, e à sua luz tudo adquire, para Paulo, um novo valor. É assim com o farisaísmo, vivido antes com todo o entusiasmo e fervor, mas que agora passa a ser «esterco»: é demasiado pequeno, demasiado limitado – tem os limites da carne e do sangue, tem os limites do homem e da sua justiça. Recordemos as palavras paulinas: «considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por Ele perdi todas as coisas e considero-as como esterco». Ecoa aqui, claramente, aquilo que o próprio Jesus diz acerca do Reino de Deus:

> «O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.

O reino dos céus é também semelhante a alguém que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra» (*Mt* 13,44-46).

O contraste é, pois, entre algo que procede do homem, do seu entusiasmo e da sua sede de seriedade e de radicalidade (mesmo no que toca a Deus, e ao Deus verdadeiro), e algo que procede de Deus e que apenas Deus pode oferecer. O contraste é entre a procura que o homem faz de Deus e o dom que Deus faz ao homem de o chamar à comunhão consigo. Dito de outro modo, mas sempre com linguagem paulina: o contraste é entre a justiça da Lei e a justiça da fé em Cristo. Deus tomou a iniciativa de conquistar Paulo. Fê-lo saindo-lhe ao encontro no caminho de Damasco, mostrando-se como Ressuscitado: Deus é Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado.

Até então, Paulo tinha procurado, com todas as suas forças, ser justo e apresentar-se como justo diante de Deus, procurando cumprir a Lei, com todas as forças que tinha ao seu alcance. Mas essa justiça é agora um nada, «esterco», «perda», diante da nova realidade, que modifica tudo: o homem pode apresentar-se confiante diante de Deus, não com a justiça que procede das suas obras, mas com algo que o próprio Deus lhe oferece, sem que ele o mereça: a justiça de Cristo.

Aquele que foi encontrado pelo Ressuscitado, qualquer que seja o caminho da sua vida em que tal acontece, esse percebe que, diante de Deus, tudo aquilo que fez, que sabe, que conseguiu, é nada. Não é aí que pode residir a sua confiança. O cristão pode permanecer de pé diante de Deus, com toda a confiança, porque não é apenas o homem cristão que está em face do Omnipotente: é Aquele no qual ele vive desde o seu baptismo; é Jesus

ressuscitado, o Filho Unigénito, o único a poder tratar o Pai usando a expressão de intimidade que passou para o Novo Testamento: «*Abba*».

4. A graça «forma» da vida da fé e do ministério

Encontrando-se com o Ressuscitado, Paulo percebe que a ressurreição não é apenas algo próprio de Jesus; a vida do Ressuscitado não é apenas uma característica daquele homem Jesus de Nazaré que foi morto na cruz e agora vive: Paulo percebe no caminho de Damasco que o Ressuscitado lhe oferece a sua vida – aquela vida nova, plena, divina. E que o faz não como correspondência às suas boas obras, mas que o faz sem que ele, Paulo, mesmo com toda a radicalidade do seu viver como fariseu, o tenha alguma vez merecido – fá-lo até apesar das perseguições desenvolvidas até então contra os cristãos, ou seja, contra Aquele mesmo Senhor que naquele momento ali se encontra, em face de Paulo.

Esta é a nova realidade que surge no caminho de Damasco, que surge no encontro com o Ressuscitado: a fé deixou de ser uma realidade humana (ainda que sempre fruto de um chamamento divino); a fé passou a ser possibilitada pelo viver em Cristo, ou, para usar outras expressões paulinas, passou a ser o conhecer (experimentar) «o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, com a esperança de chegar à ressurreição dos mortos».

A fé de Paulo, ou de Pedro, ou de qualquer outro crente cristão, é uma participação na relação única e irrepetível que o Filho tem com o Pai: a plenitude da vida que resplandece em Cristo ressuscitado é dada a participar àqueles que no baptismo morreram e ressuscitaram com Cristo (*Rom* 6). É por isso que a fé cristã (e só ela) justifica o homem: o Senhor oferece-nos a

possibilidade de participar na sua relação única de filiação, de sermos chamados e de sermos realmente filhos de Deus, para usar agora uma linguagem joânica.

O início, o ponto de partida da vida cristã e do ministério apostólico de Paulo é o facto de ter sido encontrado e conquistado por Cristo ressuscitado, por graça – e mesmo contra o que parecia ser o próprio rumo por onde seguia a sua vida até esse momento (notemos como depois o Apóstolo integra toda a sua vida e, portanto, mesmo esses momentos de caminho desviado de perseguição à Igreja, no seio do desígnio divino, ao afirmar que Deus o separou antes de nascer e o chamou – cf. *Gal* 1).

Se o ponto a partir do qual tudo o resto passa a fazer sentido na vida do Apóstolo é o ter sido encontrado e conquistado por Cristo no caminho de Damasco, podemos também a partir daí, desse ponto inicial e que oferece o sentido a tudo o mais, perceber o próprio quotidiano do Apóstolo: o encontro com o Ressuscitado foi de tal forma que, para o futuro, a existência do crente que é Paulo consistirá em conquistar essa mesma realidade, em viver aquilo que lhe foi dado em excesso – de um modo tão sobreabundante que o Apóstolo reconhece não se ter ainda apropriado completamente. Podemos dizer: se o ponto de partida é a graça, o próprio caminho do crente, a sua vida, consiste igualmente em viver essa graça, em fazê-la sua, não com as suas forças, mas animado pela graça divina. Isso mesmo podemos perceber numa outra passagem do Apóstolo, acerca da vida cristã:

> «Dou graças a Deus, em todo o tempo, a vosso respeito, pela graça divina que vos foi dada em Cristo Jesus. Porque fostes enriquecidos em tudo: em toda a palavra e em todo o conhecimento; e deste

> modo tornou-se firme em vós o testemunho de Cristo. De facto, já não vos falta nenhum dom da graça, a vós que esperais a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele vos tornará firmes até ao fim, para que sejais irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor» (*1Cor* 1,4-9).

A própria fidelidade do Apóstolo à sua vocação e missão deixou de estar assente nas suas forças. Tudo é graça: é graça a vocação, é graça a sua apropriação ao longo da existência terrena; é graça a fidelidade com que o Apóstolo lhe responde; é graça o seu ministério e os frutos que dele procedem; é graça a própria firmeza que caracteriza a fé. Com efeito, uma vez que a fé não depende do homem mas de Deus, ela aparece adornada com esse reflexo da fidelidade divina – e daí advém a certeza e a infalibilidade na profissão da fé que adorna a Igreja em todos os tempos, e que podemos surpreender seja nos grandes pensadores cristãos (como S. Agostinho ou S. Tomás de Aquino), seja na existência dos simples, como S. Catarina de Sena ou os pastorinhos de Fátima – é a chamada «fé do carvoeiro», cuja constância e fidelidade confundem e surpreendem os «bem pensantes».

Paulo nunca irá afirmar que os outros cristãos poderão encontrar-se com o Ressuscitado tal como ele no caminho de Damasco: as aparições do Ressuscitado não são um encontro místico, mas algo de único no qual repousa a fé eclesial. Elas fundam efectivamente a fé da Igreja, são algo situado no tempo, e dirigidas particularmente ao Colégio apostólico. Por isso, é no testemunho apostólico que se encontra alicerçada a fé eclesial – que, por isso, é a mesma de Pedro e de Paulo.

Mas esta realidade não impede (pelo contrário, permite) ao Apóstolo, como vimos, recordar aos cristãos de Corinto que também eles receberam todos os dons da graça, de modo a poderem permanecer firmes em Cristo: a vida cristã é um viver da graça de Deus. É um procurar corresponder à graça de Deus. É viver aquilo para o qual o Senhor nos conquistou – vivê-lo como realidade já presente na nossa vida actual, mas na esperança da sua plenitude em nós, na esperança do céu.

Nisto, devemos reconhecer que S. Paulo não acrescenta nada ao Evangelho, apenas o explicita. Recordemos apenas algumas afirmações do Senhor:

> «Dai e dar-se-vos-á; uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, será deitada no vosso regaço; sereis medidos com a medida com que medirdes» (*Lc* 6,38).

> «Pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expulsai os demónios; recebestes de graça, dai de graça. Não procureis ouro, nem prata, nem cobre para os vossos cintos; nem leveis alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porque o trabalhador é digno do seu alimento» (*Mt* 10,7-10).

É este ponto de partida da vida da fé que o cristão, qualquer que ele seja, não pode deixar de assumir. A graça de Deus manifestada em Cristo ressuscitado é o ponto axial que distingue a fé cristã. Mas, assim sendo, é ela que dá forma a toda a existência do cristão. Na vida cristã, nada pode ser feito

sem a graça; tudo deve ser feito com ela, nela e por ela. Tudo é gratuito no cristianismo. Não há nada que possa ser pago. E, por isso, também o Apóstolo diz: «A ninguém fiqueis a dever coisa alguma, excepto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei» (*Rom* 13,8).

5. Partir de Jesus Cristo

Perguntemo-nos, agora, se não estaremos, de novo, a cair numa realidade pouco concreta, ou – para reproduzirmos acusações de alguns a este modo de entender a vida cristã – se não estaremos a recair num esquema teológico anterior ao Concílio, a contar com «uma graça caída dos céus aos trambolhões».

Percebamos, em primeiro lugar, que os rótulos e as estratégias humanas pouco têm a ver com a vida cristã e a sua teologia. Mas percebamos também que o ponto de partida de Paulo e do próprio Evangelho é a manifestação concreta de Deus em Jesus de Nazaré. Recordemos que nos encontramos nos primeiros anos do cristianismo, quando era claro que Jesus não era um qualquer herói mitológico. Basta recordar o início de *1Jo*:

> «Aquilo que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram acerca do Verbo da Vida – porque a Vida manifestou-se: nós vimo-la e dela vos damos testemunho e vos anunciamos esta vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu – o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos» (*1Jo* 1,1-3).

Ou *2Ped* 1,16: «Não foi seguindo mitos subtis, mas por termos sido testemunhas oculares da sua majestade, que vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo».

O ponto de partida concreto em que a vida cristã se há-de fundar não é um conjunto de ideias humanas acerca de Deus, ou seja: no «divino», no «religioso» vago seja da filosofia, seja da religiosidade popular; nem num conjunto de ideias que o homem faça acerca de si próprio, mas na vida de Jesus de Nazaré, tal como ela nos aparece como totalidade (história e significado eclesial) nos quatro evangelhos canónicos. Esse é o ponto de partida da vida cristã e, por isso mesmo, de toda a teologia.

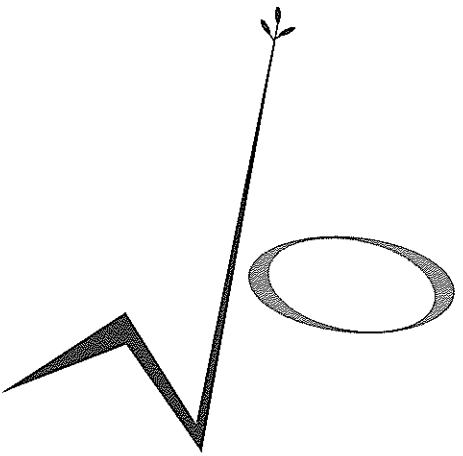
Mas foi precisamente nesse concreto da vida de Jesus de Nazaré; foi nesse momento da história; foi na vida de um homem da Palestina que Deus se manifestou. E, por isso, é no encontro com esse homem vivo, ressuscitado, cujo testemunho vem até nós na pregação da Igreja que se funda a nossa existência, em primeiro lugar como cristãos e, depois, como chamados ao ministério de O tornarmos sacramentalmente presente no seio da própria Igreja e do mundo.

É também por isso, porque o cristianismo é este encontro hoje com o Ressuscitado, que nele tudo é graça – tudo é excesso de amor, tudo é demasiado e tudo é surpreendente, e tudo atrai. É este excesso do amor concreto de Deus por nós, por cada um, que atrai no cristianismo.

Percebamos por isso também que esta dimensão do excesso de amor, da gratuidade com que fomos amados e com que amamos não pode deixar de moldar seja o ministério sacerdotal a que o Senhor nos chama, seja, consequentemente, a nossa vida de Seminário, concretização desta

abundância, deste excesso de amor. Aqui, no Seminário, tudo é graça. Nada é pago. Porque tudo, no Seminário, tem como fonte a graça de Deus que nos atraiu, que nos chamou e nos convidou a dar passos de conversão, como o fez outrora ao Apóstolo Paulo. Assim, todas as relações de fé, todas as relações humanas, todas as amizades encontram um metro sumamente exigente: a graça de Deus. «Recebestes de graça, dai de graça». E as eventuais normas não podem deixar de possibilitar a concretização deste dom da graça, sob pena de se tornar inúteis e contraproducentes.

«Deitaram-vos no regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante; sereis medidos com a medida com que medirdes» (*Lc* 6,38)!



O KERIGMA PAULINO

"Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu próprio havia recebido: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras e foi sepultado; que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras e apareceu a Cefas, depois aos Doze (...). Depois disso (...) apareceu-me também a mim" (1Cor. 15,3-8).

Ricardo Pinto

Aluno do 5º Ano do Seminário dos Olivais

Para conhecer historicamente qualquer acontecimento e personagem do passado não existe outro caminho senão aquele que passa pelos documentos ou pelas fontes. No caso de Paulo, "estamos numa situação

privilegiada, pois de nenhum outro personagem da primeira geração cristã possuímos uma documentação tão ampla e directa."[1] Por isso, é nas suas cartas que encontramos os elementos fundamentais para reconstruir o perfil humano, a actividade, a experiência cristã e a sua mensagem teológica e espiritual. "Paulo revela-nos, no testemunho da sua vida, o dinamismo sobrenatural da evangelização: a força que brota do encontro com Cristo ressuscitado. Tudo começou na sua conversão, com a revelação pessoal de Jesus Cristo, afirmando uma verdade perene: só quem se converte a Jesus Cristo, pode ser evangelizador."[2]

A contextualização das cartas de Paulo torna-se hoje muito relevante. Já não basta um estudo literário das cartas. Às vezes temos uma consciência da neutralidade da Palavra, absolutamente transversal às várias temáticas circundantes do mundo de Paulo. De facto, ela é uma palavra comprometida com um determinado mundo e contexto social, onde a exposição de Paulo traz consigo a marca do seu mundo e do seu tempo.

É preciso reconhecer que a teologia de Paulo não despontou como um "fungo" no interior do cristianismo das origens, assim como não permanece como algo isolado. É necessário este "confronto com Paulo para se redescobrir as raízes da fé cristã em diálogo com outras experiências religiosas e culturais sem esconder a sua identidade nem dispensar o seu património espiritual"[3]. Paulo teve em vida uma série de colaboradores que partilharam com ele o seu destino e o seu pensamento,

---

[1] Fabris, Rinaldo, *Para ler Paulo*, ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

[2] Conferência Episcopal Portuguesa, nota pastoral para a celebração do ano paulino, *Ano Paulino, uma proposta pastoral*, n.º 3.

[3] Fabris, Rinaldo, *Paolo di Tarso*, Paoline, Milão, 2008.

como nos mostra o último capítulo da Carta aos Romanos, onde Paulo enuncia o nome de muitos desses colaboradores (Barnabé, Timóteo, Tito, Epéneto, Andrónico, Áquila, Ampliato, Priscila, Urbano, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Júlia...). Todos estes colaboradores como que passam a fazer parte da "escola de Paulo" o que vai originar uma sucessiva tradição teológica atestada nas chamadas cartas deutero-paulinas (2 Tessalonicenses, Colossenses, Efésios, 1-2 Timóteo, Tito) e nos autores posteriores como Inácio de Antioquia, Marcião, Justino e Ireneu de Lião.

Quem quisesse ver em Paulo um apóstata deveria recordar-se que ele nunca negou a sua matriz judaica. E não só se declara «circuncidado ao oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, um hebreu descendente de hebreus; no que toca à Lei, fui fariseu» (Fil 3,5), da «estirpe de Abraão» (2 Cor 11,22), mas chega a desejar ser «amaldiçoado, ser eu próprio separado de Cristo, pelo bem dos meus irmãos, os da minha raça, segundo a carne» (Rm 9,3), aos quais reconhece todas as particularidades distintivas: «Eles são os israelitas, a quem pertence a adopção filial, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas. A eles pertencem os patriarcas e é deles que descende Cristo, segundo a carne» (Rm 9,4-5). Paulo partilha as mesmas Sagradas Escrituras (Rm 1,2), a mesma Fé monoteísta do Shemá (1 Cor 8,6), a mesma esperança do futuro «Dia do Senhor» (1 Cor 5,5; 1 Ts 5,2), a mesma concepção de fundo sobre Israel como povo eleito e amado de Deus, que o chamou «sem arrepender-se» (Rm 11,29). Ele continuaria certamente a definir-se «um judeu», ainda que «um judeu em Cristo».

Permanece o facto de Paulo ter sido incompreendido e fortemente atacado. Isto verificou-se por parte da Fé judaica (2 Cor 11,24: «Cinco

vezes recebi dos Judeus os quarenta açoites menos um»). Em vários lugares Paulo foi alvo de contestação: Damasco, Antioquia da Pisídia, Tessalónica, Bereia, Corinto, Jerusalém.

Mas a oposição foi também mantida pelos judeo-cristãos, que sustinham outra interpretação do Evangelho. Ele chama-os, ironicamente, «super-apóstolos» (2 Cor 11,4-5.22-26) ou «intrusos, falsos irmãos, que furtivamente se intrometeram a espiar a nossa liberdade, aquela que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzirem à escravidão» (Gal 2,4-5). Surge a pergunta: porque foi Paulo tão hostilizado? Aqui se coloca o complexo problema histórico e teológico do chamado «judeo-cristianismo», isto é, aquele sector do primeiro cristianismo de proveniência judaica que aceitou a Fé em Jesus Cristo mas a combinou com uma persistente observância da Torah.

"Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu próprio havia recebido" (1 Cor 15, 3)

Na sua pregação aos coríntios acerca da ressurreição, Paulo faz esta pequena mas fundamental e funcional introdução; o Apóstolo vai transmitir aquilo que ele próprio recebeu. Paulo continua nos passos da afirmação fundamental da fé apostólica: o mistério pascal de Cristo, morto e ressuscitado ("Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras". 1 Cor 15, 4)[4]. Paulo parte deste *kerigma* fundamental para assim motivar a nossa fé em Cristo e a nossa esperança na ressurreição, à imagem de Cristo, que tendo sido morto e sepultado, ressuscitou e está vivo à direita de Deus. Vemos então

[4] Paulo acentua o sepultamento de Jesus de modo a autenticar a sua morte.

que o Ressuscitado é o centro da pregação do Evangelho, ou seja, o mistério pascal de Cristo é a "chave" do *kerigma* paulino. Este carácter salvífico da morte de Cristo, já faz parte da proclamação evangélica anterior a Paulo. Esta é a herança que Paulo recebe e que será o ponto de partida do seu anúncio do Evangelho quer aos judeus quer aos pagãos.

No livro dos Actos dos Apóstolos, Lucas quer apresentar a síntese da pregação de Paulo ao mundo judeu e por isso encontramo-lo em Antioquia da Pisídia onde se dirige aos judeus presentes na sinagoga (cf. Act 13, 16-42). Paulo faz uma breve evocação da história de Israel elencando vários momentos da História da Salvação como pura iniciativa de Deus, realizada numa eleição soberana do povo de Israel ("O Deus deste povo, o Deus de Israel, escolheu os nossos pais e engrandeceu este povo durante a sua permanência no Egipto." Act 13, 17). A determinada altura no seu discurso, vemos Paulo a nomear Saul[5] como estratégia para marcar o começo do regime monárquico (cf. 1Sm 8-9) e ao mesmo tempo como fundo de contraste para mostrar com relevo a eleição de David (cf. 1Sm 16, 12). De David vai recolher os diversos aspectos positivos (segundo o Salmo 89, 20-30) e a partir deles pode converter David na figura tipo do futuro Messias. Vemos então que Paulo pára em David, porque a ascendência davídica de Jesus era um ponto importante para os judeus, podendo assim mostrar que Jesus, morto e ressuscitado, é o Messias esperado. O próprio texto provoca um crescendo que culmina no centro do seu discurso: "Deus ressuscitou-O dos mortos e, durante muitos dias, apareceu aos que tinham subido com Ele da Galileia a Jerusalém, os quais são agora suas testemunhas diante do povo" (Act 13, 30-

[5] Paulo (Saulo/Saul) tinha o mesmo nome do primeiro rei de Israel e, como ele, pertencia à tribo de Benjamim (cf. Rm 11, 1; Fil 3, 5)

31). A grande missão de David era acolher a promessa e gerar um descendente; daí o salto que se dá de David para Jesus que é colocado diante de todos como o salvador de Israel ("Da sua descendência, segundo a sua promessa, Deus proporcionou a Israel um Salvador, que é Jesus." Act 13, 23). De seguida surge a figura de João Baptista, pois o baptismo que este pregava pertencia ao *tempo da Promessa*; mas é Jesus que verdadeiramente realiza a salvação e por isso Paulo afirma diante do povo que a eles "foi dirigida a palavra da Salvação" (Act 13, 16) mostrando que a morte e ressurreição de Jesus estavam já anunciadas pelos profetas ("condenando-o, cumpriram, sem disso se aperceberem, as profecias que são lidas todos os sábados" Act 13, 27). Assim, chegamos ao cume de um discurso onde se mostra de forma clara que Deus cumpriu as suas promessas na morte e ressurreição de Jesus como foi anunciada nos salmos e na passagem de Isaías que o apóstolo cita (cf. Sl 2; Sl 16 e Is 55, 3). Por fim, vai falar-lhes da remissão dos pecados mostrando que a "justificação completa que não pudestes obter pela Lei de Moisés, obtê-la-á por meio dele [Cristo] todo aquele que crê." (Act 13, 38-39). A lei de Moisés não pôde garantir o perdão dos pecados, e por isso agora, se coloca diante de todos a remissão dos pecados por meio de Jesus, sem outra condição senão acreditar Nele; Jesus é apresentado diante dos judeus como o novo Moisés. Paulo refere diante do povo judeu o testemunho por excelência que recebeu dos Doze, pois o seu *kerigma* é continuação desse depósito recebido. A pregação de Paulo dirige-se primeiro aos judeus. Porém, sendo por estes rejeitada, o Apóstolo volta-se para o mundo pagão.

O discurso de Paulo no areópago de Atenas pode ser tido como modelo da sua pregação aos pagãos. Paulo vai referir-se ao "deus desconhecido" (cf. Act 17, 23), inscrição que encontra num altar e que os atenienses veneravam,

para a partir daqui afirmar diante deles que "Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio" (Act 17, 23). Sabiamente Paulo capta a atenção dos atenienses e no seu discurso vai sugerir-lhes que esse "deus desconhecido" é o Deus único, criador do universo e do homem, fazendo com que todos sejam participantes da raça de Deus, porque criados à sua imagem e semelhança. Deste modo vai fazendo uma síntese de todo o Evangelho procurando encontrar no paganismo analogias com aquela que é a sua mensagem. Esta expressão do "deus desconhecido" era usada pelos gentios num sentido plural e por isso, Paulo dá-lhe um sentido singular para assim poder anunciar o único Deus revelado em Jesus Cristo. O kerigma de Paulo aos pagãos centra-se no anúncio de um juízo universal. Num tom escatológico, Paulo afirma que Deus "julgará o universo com justiça por intermédio de um Homem, que designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos" (Act 17, 31), e por isso todos se devem arrepender. Apesar de não se referir explicitamente a Jesus, Paulo apresenta aqui a ressurreição de Cristo de entre os mortos como uma garantia de fé na sua missão de juiz e salvador no fim dos tempos. Como sabemos, este esquema kerigmático tão cheio de sabedoria traduziu-se num quase fracasso e isso obrigou Paulo a repensar o seu anúncio de Cristo aos pagãos como ele próprio confessa no início da primeira carta aos Coríntios.

Por um lado, os judeus pediam sinais para confirmarem a intervenção de Deus; por outro, os gregos buscavam uma sabedoria que satisfizesse as exigências da sua razão. Face a tudo isto, Paulo retoma e reafirma o núcleo central do *kerigma* apostólico, ou seja, o *kerigma* primitivo, colocando diante deles o Messias crucificado, que contraria as expectativas dos judeus e a tendência intelectualista dos gregos. Humanamente a Cruz aparece como o

contrário do que judeus e gregos esperavam: derrota em vez de manifestação gloriosa; loucura em vez de sabedoria. Porém, numa visão de fé, a Cruz aparece como algo que preenche e ultrapassa as expectativas: estamos perante uma sabedoria que revela o poder e a eficácia de Deus: "para que a vossa fé não se baseasse na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1Cor 2, 5). Ao colocar a Cruz de Jesus (algo de desprezível e até repugnante!) no centro da sua pregação, Paulo quer sublinhar o contraste entre a sabedoria de Deus que é eficaz e a sabedoria deste mundo, apoiada apenas nas capacidades humanas. Assim, apresenta-se uma sabedoria que aponta para o sábio conselho salvífico de Deus: a sabedoria divina (cf. 1Cor 1, 21). Assim, a sabedoria cristã não é o resultado de um esforço humano; ela encontra-se em Cristo que apareceu na "plenitude dos tempos" (Gal 4, 4) e que é preciso "ganhar" (Fil 3, 8) para encontrar nele "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Col 2, 3). Paradoxalmente, Paulo verificou que este anúncio "escandaloso" tornou possível a manifestação poderosa do Espírito Santo que converteu o coração dos seus ouvintes.

Um ponto central

Paulo repensa de forma pessoal e original o Evangelho cristão. Ele não se contenta com o dado recebido por tradição, mas reinterpreta-o com o seu génio próprio. Paulo, mais do que qualquer outro, repensou a fundo a Fé cristã. A questão é saber se a teologia de Paulo tem um centro e qual é ele. Na verdade, Cristo é o factor objectivo e despontador de toda a teologia do Paulo cristão, pois para Paulo é precisamente a descoberta da figura de Cristo e da sua valência soteriológica, a constituir a causa, a origem e a fonte do seu ousado discurso sobre a Fé, sobre a justificação, a participação mística, o acontecimento cruz-ressurreição, e o destino universal do Evangelho. Cristo

ressuscitado é verdadeiramente o centro do seu *kerigma*. Sem Cristo, Paulo continuaria a falar da fé em Deus, da sua revelação na história humana (especialmente de Israel), do messianismo, da Torah, da salvação... Mas sobre todos estes conceitos ele opera uma reconfiguração, reelaboração, de tal modo que ficam inscritos numa síntese nova, pois cada um deles é caracterizado por uma semântica diferente da original. E a causa principal da nova percepção é Jesus Cristo, o qual redefine a fé em Deus, a história da salvação, etc. Por isso é claro que a novidade do pensamento paulino e do seu *kerigma*, está associada à determinante experiência que ele realiza sobre a estrada de Damasco, à qual acrescerá naturalmente um desenvolvimento do seu pensamento, condicionado aqui e ali por situações das Igrejas destinatárias e das suas tomadas de posição face a elas. Paulo está possuído de um novo ardor, "porque o seu testemunho é um primeiro anúncio de natureza kerigmática (...) Ele continua a ser exemplo inspirador do ardor da evangelização e da natureza específica do anúncio kerigmático."[6]

Hermenêutica soteriológica e universalista da figura de Jesus, o Cristo

Quem é Jesus Cristo segundo Paulo? O apóstolo partilha com o cristianismo das origens, que lhe é anterior, a fé escandalosa que define Messias (Christòs) e Senhor (Kyrios) não como um soberano forte e glorioso, mas um galileu condenado à ignomínia da cruz, cuja glória em termos paradoxais se retém que lhe provenha apenas do facto de ter dado a vida pelos outros e de ter sido, precisamente por este motivo, inesperadamente

6 Conferência Episcopal Portuguesa, nota pastoral para a celebração do ano paulino, *Ano Paulino, uma proposta pastoral*, n.º 4.

ressuscitado dos mortos pelo próprio Deus. Pelo menos em grande parte, os primeiros cristãos retinham que Jesus tivesse morrido pelos nossos pecados (1 Cor 15,3) e que com a Ressurreição foi constituído Filho de Deus poderoso (Rm 1,4a). De seu, Paulo sustém que este Jesus (Cristo e Senhor) seja o iniciador de uma nova estação da história e de uma nova identidade antropológica de contornos universalistas, eventualmente semelhante não a um rei como David, não a um profeta como Isaías, não a um legislador como Moisés, mas àquele que é anterior a todos estes: a Adão, primogénito da inteira humanidade (1 Cor 15,21-22.45-47; Rm 5,12-21). Por isso, com Cristo tem lugar uma nova criação (2 Cor 5,17; Gal 6,15).

Mas os horizontes deste judeu singular que é Paulo vão muito além de Israel: a ele interessa-lhe o homem como tal, cada homem e ao mesmo tempo todos os homens, prescindindo de qualquer distinção, ou qualquer contraposição cultural e religiosa. Confessa-o aos Romanos: «Tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes eu sou devedor» (Rm 1,14); e aos Coríntios admite: «Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei - embora não estivesse sob a Lei - para ganhar os que estão sujeitos à Lei; com os que vivem sem a Lei, fiz-me como um sem Lei - embora eu não viva sem a lei de Deus porque tenho a lei de Cristo - para ganhar os que vivem sem a Lei. Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo. E tudo faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante» (1 Cor 9,20-23). Se tem uma preferência é pelos gentios, aqueles que eram excluídos da consciência de Israel acerca da eleição. «É a vós, os gentios, que eu digo isto: exactamente como Apóstolo dos gentios que sou, enalteço este meu ministério, para ver se provoco o ciúme dos que

são da minha carne e salvo alguns deles» (Rm 11,13-14). Nesta frase não se pode ver a sombra do anti-semitismo pois imediatamente a seguir Paulo chama a Israel «santas primícias e raízes», «boa oliveira» (Rm 11,16-24).

Que significava Cristo para Paulo? A nível de superficial podemos dizer que a seus olhos representava a superação da divisão entre judeus e gentios: não no sentido da eliminação da peculiaridade de Israel, mas no sentido da equiparação dos gentios aos judeus. Toda a actividade missionária de Paulo, determinada pela sua adesão a Jesus, consiste precisamente nisto: em eliminar a distância que separa os gentios dos judeus, a fim de incluir os outros, os diversos, os distantes, na paridade do mesmo mistério de salvação. O cristão Paulo retém que com a oferta total da sua vida feita por Cristo e com a sua Ressurreição, a graça de Deus não passa mais através de mandamentos e preceitos, e supera a grande ideia de libertação conexa com o antigo êxodo. Esta constituía o fundamento da Torah, mas agora o fundamento é Cristo, morto e ressuscitado. O homem pode agora ser justo não em base a um comportamento moral, mas na simples aceitação pela fé do evento da morte e ressurreição válido para todos os homens e para cada um.

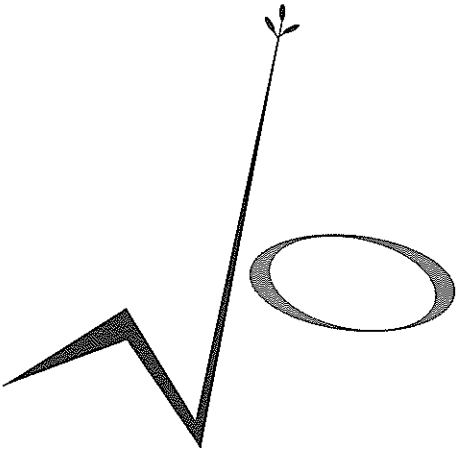
O *kerigma* e a missão de Paulo explicam-se por condições cristológicas e judaicas. Mas as cristológicas são as decisivas: são consequência da fé no Cristo crucificado e ressuscitado, que supera toda a revelação anterior e coloca todos os homens num horizonte de paridade. Para Paulo "o primeiro anúncio é de Jesus Cristo salvador, morto e ressuscitado.[7]"

Paulo cultiva duas atitudes aparentemente inconciliáveis. Continua a considerar-se pessoalmente parte de Israel, suportando várias oposições que

[7] Ibidem.

vêm daí e mantendo firme a típica fé judaica na salvação escatológica daquele povo. Por outro lado, considera que seja Cristo e não a Torah a configurar a nova comunidade dos eleitos de Deus. Nisto distingue-se de outros sectores do cristianismo primitivo, que retinham que Cristo e a Torah fossem mutuamente compatíveis. Para Paulo, Cristo é «o termo da Lei» (Rm 10,4) e, por isso, «se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas» (2 Cor 5,17). E, deste modo, considerando-se um judeu em Cristo, ele acabou por alienar as simpatias do seu povo, porque aceitou identificar Jesus com o Cristo. Toda a sua epistolografia denota o impacto da figura de Cristo. Paulo representa a confirmação que se tinha iniciado uma nova hermenêutica do anúncio cristão, cujo fascínio e fecundidade não cessaram no tempo...





PAULO, COMUNICADOR DE CRISTO

Nuno Rosário Fernandes
Aluno do 5º Ano do Seminário dos Olivais

É impressionante como São Paulo, de perseguidor dos cristãos, se transforma num comunicador, por excelência, de Jesus Cristo e da Palavra de Deus, mesmo não O tendo conhecido directamente. Mais, pode mesmo afirmar-se que o «Apóstolo das gentes» é dotado de uma "insuperável liderança comunicativa"[1] sem a qual o Evangelho não teria chegado aos caminhos do império romano, conquistando o coração de um mundo de diferentes e muito próprios costumes sociais e culturais.

[1] Termo utilizado pelo Pe. Domenico Pompili, director do Secretariado Nacional para as Comunicações Sociais da Conferência Episcopal Italiana, num encontro realizado a 24 de Setembro de 2008 com jornalistas de periódicos católicos.

São Paulo é, por isso, considerado o «grande comunicador da Palavra de Deus», da redenção, e de a doutrina cristã. Ele deu uma manifesta importância às cartas e à força da palavra escrita, que prolongavam a pregação e a catequese, rasgando barreiras e fronteiras. Um processo que é, ainda hoje, considerado como referência e frequentemente apontado como exemplo de comunicação e evangelização. E, assim como Paulo conseguiu, com as suas cartas, tocar o coração dos não crentes, também hoje, a vasta imprensa, mais do que mera comunicação de conteúdos, poderá ser instrumento de aproximação e de conversão.

O que é a Comunicação?

Sobre comunicação todos ouvimos falar. No entanto, são poucos aqueles que a sabem definir satisfatoriamente.[2]

O homem, como animal social que é, precisa de comunicar com o mundo que o rodeia e de um modo especial com os seus semelhantes. Essa comunicação é feita através dos sentidos que são o contacto natural e permanente com o quotidiano que o envolve. E é assim que ele se encontra constantemente receptivo e pronto para captar todas as motivações e estímulos provenientes do exterior. A comunicação é por isso o acto de transmitir e receber uma mensagem, recorrendo à utilização de um código de sinais ou de símbolos.

A palavra comunicar deriva do latim "communis". «Etimologicamente comunicar é tornar comum. A comunicação é, portanto, no seu princípio, a

---

[2] John FISKE, Introdução ao Estudo da Comunicação, Edições ASA, Lisboa 1995, Pag.13.

passagem do individual ao colectivo e a condição de toda a vida social.»[3] Logo conclui-se que, a comunicação é o suporte da vida em sociedade e o mecanismo pelo qual as relações humanas existem e se desenvolvem. Poder-se-á mesmo dizer que a comunicação é uma galáxia em contínua expansão. De tal modo que nenhum grupo social poderia sobreviver se, entre os elementos que o compõem, não existisse uma troca de qualquer espécie de comunicação. Isto é, compartilhamos uma informação, uma ideia ou até uma atitude, tornando comum aos outros, não somente as coisas que lhes são externas mas também os seus actos de consciência mais íntimos.

A principal dificuldade que qualquer técnico de comunicação poderá encontrar, reside sobretudo no excesso de mensagens com que o público, o receptor, é bombardeado no seu dia a dia. Não será, por isso, ousadia dizer que todo o indivíduo que se possa encontrar sob estas condições emocionais, de "sobre informação", cria em si um estado de espírito que o desmotiva e o leva a levantar uma barreira de defesa perante as mensagens que lhe vão chegando. Neste sentido, cada meio de comunicação procura encontrar a sua própria linguagem com vista a fazer passar a mensagem que pretende.

A comunicação é um fenómeno que acontece localizado no espaço e no tempo. Por isso os diversos tipos e modalidades de comunicação dependem, fundamentalmente, das condições históricas do momento. A linguagem por sinais visuais ou palavras é, com certeza, o modo mais claro de comunicação. Isto, se tivermos em conta que existe nestas linguagens, uma troca de significações que se tornam numa transmissão de informação entre um emissor e um receptor.

---

[3] Jean CAZENEUVE, Guia Alfabético das Comunicações de Massas, Edições 70, Lisboa, 1992, Pag. 68.

Assim, podemos afirmar que, toda a comunicação tem de ter alguma fonte ou um emissor, seja ele uma pessoa ou um determinado grupo de pessoas com um objectivo concreto. A fonte será o elemento base no processo de comunicação que tem um determinado conteúdo a transmitir ou seja, tem uma mensagem que ainda não existe em concreto mas, é por seu lado o objectivo concreto da fonte. Esta mensagem que se transmite na comunicação humana, existe em forma física e traduz-se «em ideias, objectivos e intenções num código, num conjunto sistemático de símbolos».[4] As mensagens são, então, sujeitas a um codificador que as transforma em código e que vão ser transmitidas por um intermediário, o canal, até ao descodificador que torna a mensagem perceptível ao receptor. Mas no processo de comunicação, é preciso também ter em consideração que existem diversos factores que podem interferir na transmissão da mensagem. Falamos dos ruídos que poderão surgir e perturbar de algum modo a percepção dessa mesma mensagem.

Há, ainda, que falar no retorno, naquilo que é designado por "feed-back", como sendo a capacidade, que o emissor possui, de poder controlar as condições de receptividade da sua mensagem e a fidelidade com que ela chega ao receptor. Só poderemos dizer que há comunicação se houver, de facto, um entendimento ou compreensão por parte do receptor, da mensagem emitida pelo emissor.

Este é, de forma simples e resumida, o processo de comunicação que todos utilizamos no nosso dia a dia. Mas a operação mais delicada que nos

---

[4] David K. BERLO, O processo da comunicação- introdução à teoria e à prática, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1991, Pag.39.

surge no processo de comunicação é, sem dúvida, a codificação da ideia ou da mensagem, dado que é preciso ter em consideração o receptor a quem é destinada. O que passa também pela escolha do emissor mais indicado para a transmissão dessa mensagem concreta.

Paulo, exemplo de comunicação

Embora estas teorias tenham sido formuladas mais recentemente, no seu tempo, São Paulo parecia ser conhecedor de tudo isto no acto comunicacional que dele conhecemos, no anúncio do Evangelho a todos os povos.

Recentemente o Papa Bento XVI, e a propósito deste Ano Paulino, em mensagem enviada aos Presidentes das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), reunidos na Hungria, manifestava a necessidade de uma atenção especial aos «novos areópagos» para difundir cada vez mais a Palavra de Deus" recordando, para isso, o Apóstolo que "expressou a verdade do Evangelho em termos acessíveis a um amplo e variado público". Uma aventura que começou há dois mil anos atrás e que, ainda hoje, é ponto de referência para o debate eclesial, a teologia cristã, e para todos aqueles que desejam renovar o espírito missionário na Igreja, chegando a apontá-lo como o segundo fundador do cristianismo.

Saliente-se, inclusive, que a partir da interpretação dos textos de Paulo, os cristãos procuraram uma renovação radical e chegaram mesmo a difíceis e dolorosas separações.

Inovador na forma de comunicar, consideram alguns autores que, com Paulo nasceu a literatura cristã, em geral, e canónica, em particular,

nomeadamente no uso do género epistolar, caracterizado por um tipo de escrita mais vivo e imediato[5]. O seu modo de comunicar é considerado, por isso, e em absoluto, o mais eficaz.

Evangelizar é comunicar uma vida, mais que conceitos

Paulo, enquanto evangelizador, foi mantendo sempre um contínuo contacto com as diversas comunidades por onde passava, procurando, para isso, todos os meios técnicos de comunicação disponíveis na época, de modo a que o Evangelho chegasse àqueles que estavam mais distantes. Desta forma ele tornava-se presente, e tornava presente a própria Palavra de Deus.

Assim, através das suas cartas, prolonga e complementa a comunicação presencial do *kerigma* e da catequese. Ele mesmo, enquanto mediador da comunicação de Jesus Cristo, faz-se "tudo para todos", numa atitude de entrega total. Consciente da sua debilidade humana, confia-se à graça de Deus que actua nele poderosamente. Estamos, desta forma, perante uma comunicação que passa não apenas pelas palavras ditas ou escritas, mas que é também a sua própria vida, transformada pela acção de Jesus Cristo.

Marshal McLuhan, sociólogo e autor da noção de «Aldeia Global», afirmou que "o meio é a mensagem". É isso que vemos exemplarmente em São Paulo. Sendo esse instrumento de comunicação de Jesus Cristo, ou seja o meio utilizado, em quem o próprio Cristo vive, ele é o meio dessa mensagem. Assim, segundo a teoria de McLuhan, o próprio Paulo, a sua pessoa e a sua vida, é mensagem eloquente de Jesus Cristo.

---

[5] Cf. Romano PENNA, *Paolo di Tarso – Un cristianesimo possibile*, Edizione Paoline, Cinisello Balsamo, 1992, p. 55.

Apóstolo *Ad gentes*

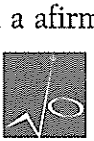
Enquanto pastor, assume a responsabilidade e o cuidado das comunidades que fundou, e as Cartas que conhecemos são, efectivamente, uma expressão desta sua caridade pastoral, ainda que nelas sobressaia toda a força e impulsividade própria do seu carácter. Assim sendo, as Cartas são escritas, na sua maior parte, com o objectivo de continuar a seguir as comunidades fundadas, ou até para acompanhar qualquer comunidade de maior importância.

Outra dimensão importante desta sua forma comunicar é a capacidade de chegar a todas as «gentes», a todos os povos, pela sua capacidade em adaptar o Evangelho à linguagem e contexto cultural em que vivia, e pela sua formação intelectual e conhecimento linguístico. Senão vejamos. Paulo conhece a língua hebraica, que é a língua das suas raízes familiares, conhece a Bíblia, mesmo na tradução em grego realizada em Alexandria do Egipto (dita versão dos LXX), e é ainda pela sua formação intelectual que se apropria do designado grego «helenístico» ou *Koiné*, uma espécie de dialecto do grego, difundido e utilizado na parte oriental do império romano. Ao mesmo tempo, Paulo não esquece as possibilidades e estratégias de comunicação (uso de determinados recursos estilísticos) que já eram usadas no âmbito do judaísmo, com vista a favorecer a memorização ou para tornar mais eficaz a sua pregação.

Paulo tinha a plena consciência do alcance das Cartas, sabendo que uma sua mensagem escrita poderia chegar a mais pessoas ou comunidades. Veja-se a recomendação que faz aos colossenses: "E quando esta carta tiver sido lida entre vós, fazei com que seja lida também na igreja de Laodiceia. Lede também a que receberdes da igreja de Laodiceia" (Cl 4,16).

A comunicação de Paulo estende-se às grandes praças, nas grand cidades, chegando a anunciar o Evangelho no areópago[6], com recurso a ur linguagem adequada ao ambiente em que se encontrava. Assim se conclui q Paulo vai encontro das necessidades do seu tempo, fazendo uso da linguage mais correcta e usando os meios mais adequados de comunicação. Hoje, S Paulo, é ainda modelo e inspiração para quantos acreditam na evangelizaç fazendo uso das novas formas de comunicação.

Embora assim seja caracterizado, a pregação de Paulo tem ainda ur outra característica que está, sem dúvida alguma, associada à sua experiênc vivencial, ou seja, o encontro com Cristo ressuscitado na estrada de Damasc conhecido normalmente como «conversão». Desse encontro nasce, então, ur missão que assenta numa convicção fundante: "sei em quem pus a min confiança" (2Tm 1,12). Paulo está consciente de que o Evangelho q comunica, com paixão, chegou até si por uma revelação que lhe mudou a vi e, é a fé em Jesus Cristo que o leva a afirmar: "Eu vivo, mas já não sou eu Cristo que vive em mim. (Gl 2,20).



6 O areópago representava no seu tempo o centro da cultura do povo ateniense.



ICONOGRAFIA PAULINA

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Cónego João Marcos

Paulo é talvez a personagem bíblica que melhor se revela em seus escritos e que, por isso mesmo, facilmente suscita nos cristãos empatia, admiração e desejo de o imitar no seu amor a Cristo e à Igreja e no seu ardor apostólico. A interpretação dos seus escritos suscitou ao longo da história vários movimentos de renovação da vida cristã e de admirável e fecunda acção missionária e também lutas apaixonadas que rasgaram o tecido eclesial. Convido-vos a fazer uma incursão, certamente breve e incompleta, na iconografia paulina hoje conhecida e acessível. Ele falou-nos de Cristo e de si mesmo com palavras. A Igreja fala de Cristo e dos santos com palavras e também com imagens.

Será oportuno lembrar as três funções principais da imagem na iconografia cristã: uma função

simbólica, uma função narrativa e uma função cultual. Sem problemas de maior, a Igreja dos primeiros séculos foi produzindo e utilizando imagens simbólicas e narrativas. Mas quando começou a generalizar-se o uso de imagens para veneração pública e privada, eclodiu a grande crise iconoclasta, particularmente aguda e sangrenta no império bizantino. O sétimo concílio ecuménico, celebrado em Nicéia no ano de 787, abriu caminho para a solução desta crise que viria a terminar apenas em 843 com o triunfo da ortodoxia, que confirmou como sendo cristãmente correcta a veneração das imagens de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos.

Tomando como referência a pequena exposição apresentada no Seminário dos Olivais sobre este tema, podemos verificar que o percurso da iconografia paulina, iniciado já no século IV é como uma árvore fecunda que em cada século produziu frutos admiráveis, obr notabilíssimas quer pela s densidade espiritual e teológica qu pela qualidade artística, tanto n Oriente como no Ocidente.

1. Paulo e Pedro

Desde o princípio, Pedro e Pau foram reconhecidos pelos cristã como os dois pilares da catolicidad da Igreja e por isso não é de estranh que muitas vezes seja representados juntos. Aliás, já desc o século III, a Igreja celebra a su memória no mesmo dia, em 29 d Junho.

Uma das mais antiga representações de São Paulo, datad de 348 conserva-se nas catacumba de santa Domitila em Roma: de rost comprido, testa ampla e calva, nari aquilino e barba recortada, ela deu modelo que os artistas seguiram at hoje, sobretudo na Igreja Ortodoxa. assim que nos aparece também nu fresco do século IV nas catacumba



Catacumbas de S. Pedro e S. Marcelino - Roma - Sec. IV.

de São Pedro e São Marcelino, ladeando Cristo com São Pedro. Esta representação que recebeu o nome de *traditio legis* (Cristo entrega a lei nova a São Pedro na presença de São Paulo) aparece esculpida várias vezes em sarcófagos paleo-cristãos dos séculos IV e V.

Em Ravena, no século VI, no baptistério dos arianos, vemos Pedro e Paulo representados nos mosaicos da cúpula, aliás, com os outros apóstolos, ao lado da *hetimasia*, o trono vazio de Cristo onde, em vez da figura do Senhor, cuja segunda vinda a Igreja espera, está colocada uma cruz preciosa sobre uma almofada. Também em Ravena, na capela do arcebispado, Paulo e Pedro são vigorosamente representados em admiráveis medalhões de mosaico.

Pela sua pregação e pelo seu ministério eclesial, Pedro e Paulo são os apóstolos que nos recebem na Igreja e nos abrem as portas do céu. Por isso mesmo são representados muitas vezes no nártex das igrejas à direita e à esquerda da porta principal. É assim que os vemos, por exemplo, na Igreja de são Salvador de Chora, em Constantinopla, e em muitas catedrais românicas e góticas

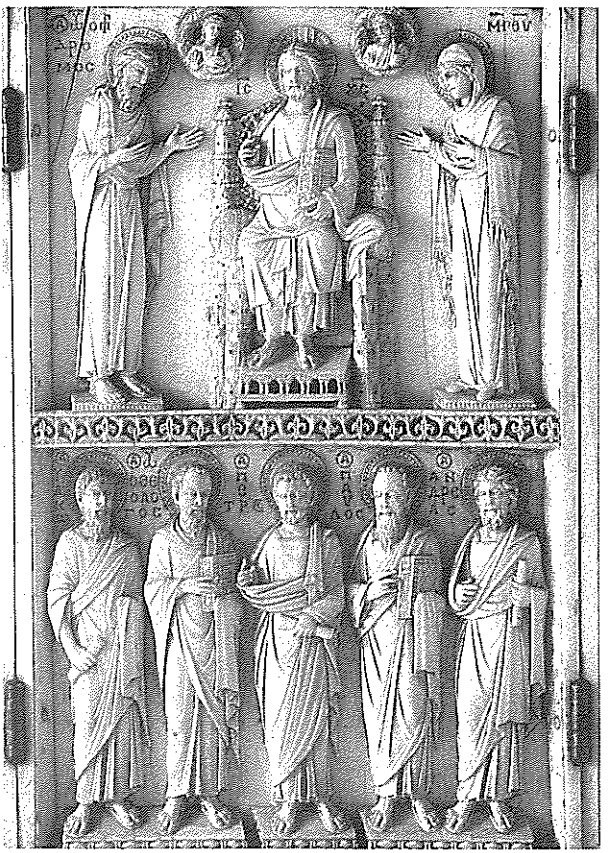
da Europa (Évora, Batalha, etc.)

Outra representação de Pedro e Paulo em que eles se beijam ou abraçam e que é no Oriente o ícone próprio da sua solenidade em 29 de Junho, tem o nome de *Concordia Apostolorum*. Em Roma, podemos ver um baixo-relevo com este tema numa rua próxima da basílica de São Paulo, no lugar onde, segundo a tradição, os dois apóstolos se encontraram.

Nas nossas igrejas, sobretudo nas dedicadas a São Pedro, quase sempre aparece também São Paulo porque, no dizer do povo, *não há Pedro sem Paulo*. Curiosamente, um relevo em pedra do século V mostra-nos os rostos de Pedro e Paulo, não lado a lado, mas frente a frente. Talvez não tenha sido esse o objectivo do autor, mas este enfrentamento lembra-nos o incidente de Antioquia que Paulo refere na Carta aos Gálatas com estas palavras: «quando Cefas veio a Antioquia eu enfrentei-o abertamente porque ele se tornara digno de censura... eu disse a Pedro diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, porque forças os gentios a viverem como judeus?» (Gal 2,11-14). Trata-se de uma interpretação minha, talvez abusiva, porque a iconografia sempre nos mostra Pedro e Paulo em perfeita concórdia, lado a lado, como as duas colunas que sustentam o edifício da Igreja. As diferenças que caracterizam as suas pessoas e o seu ministério são complementares porque agiram movidos pelo mesmo Espírito. Além das representações já referidas, acrescentemos ainda as da basílica de Santa Praxedes em Roma (séc IX). Também nas iconostases das igrejas bizantinas Pedro e Paulo sempre aparecem à frente dos outros apóstolos.

2. Paulo e os Doze

Lemos nos Actos dos Apóstolos a dificuldade que Paulo sentiu depois da sua conversão, em ser acolhido



Deésis e Apóstolos - Marfim Constantinopla - Séc. X

entre os discípulos de Jesus porque tinham medo dele, e ao longo das suas cartas vemos como reclama vigorosamente para si o nome de apóstolo, embora não tenha convivido com Jesus nem tenha pertencido ao número dos doze. Na iconografia, Paulo não encontra essa dificuldade. Vemo-lo desde o princípio representado juntamente com Pedro, à frente dos apóstolos, como por exemplo, no ícone chamado *Sinaxe dos Apóstolos.*. Aliás, nos ícones da Ascensão e do Pentecostes e em todos os outros em que aparece o grupo dos doze, sempre vemos Paulo incluído. Toda a gente sabe que Paulo não esteve na Ascensão e no Pentecostes, mas a iconografia oriental, nada prisioneira de historicismos, entendeu que o grupo dos apóstolos não é completo sem Paulo e prefere assim excluir um dos outros apenas necessários para perfazer o número doze mas que não têm o peso e a importância do doutor das gentes. No ícone da *dormição da virgem Maria*, que é uma bela catequese sobre a morte do cristão, os doze apóstolos rodeiam o corpo de

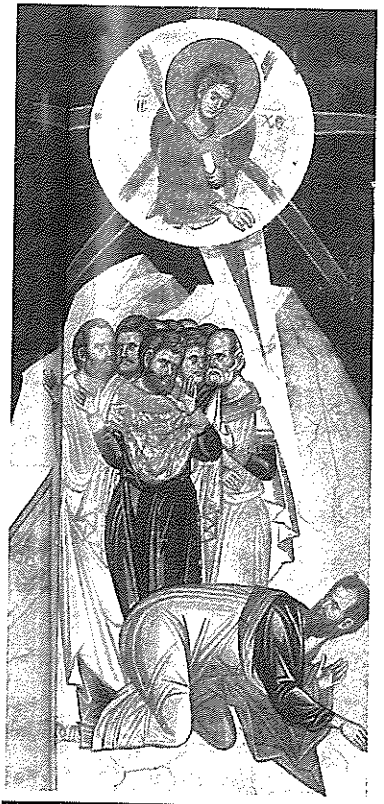
Maria que Pedro incensa. E, frente a Pedro, é sempre representado Paulo, inclinado em profunda oração.

Outro ícone em que vemos Paulo incluído no grupo dos doze é o do *juízo final*, pintado em muitas igrejas bizantinas sobre a porta principal, dentro da igreja, de modo que ao saírem da celebração e ao regressarem à vida quotidiana os fiéis levem gravada a certeza de que os seus actos serão julgados por Cristo. Lá aparecem os doze com Pedro e Paulo à frente, sentados em tronos com Cristo para julgar as nações, de acordo com a promessa do Senhor (Mt 19, 28). Em muitos destes ícones Paulo aparece também mostrando a lei aos judeus e aos pagãos e apontando para Cristo, que é o pleno cumprimento da lei e o único Salvador.

3. Imagens da vida de Paulo

A iconografia cristã tem, desde o principio, uma função narrativa. No

dizer de São Gregório Magno, «o qu
um livro proporciona ao que lê, iss
oferece uma pintura aos analfabeto
que a contemplam, pois nela, mesm
os ignorantes vêm como têm d
comportar-se, nela lêem os que nã



Conversão de S. Paulo - Pintura mural Sérvia - Séc. XIV.

têm letras»[1]. Não é que a imagem dispense de escutar, porque a fé nasce, não de ver imagens, mas de escutar a pregação (Cfr. Rom 10, 17). A imagem é suporte da narração, condensa a catequese e prolonga no tempo a pregação. A imagem é uma *haggaddah* visual das *mirabilia Dei*. Porque conduz à imitação e dá áquele que a escuta e a reconta uma identidade, a narração, parte integrante da catequese é fundamental para levar aquele que já recebeu o Evangelho na sua mente a pô-lo em prática na sua maneira de viver.



O martírio de S. Pedro e o martírio de S. Paulo - Passionário de Arnstein, Renânia, Séc. XII.

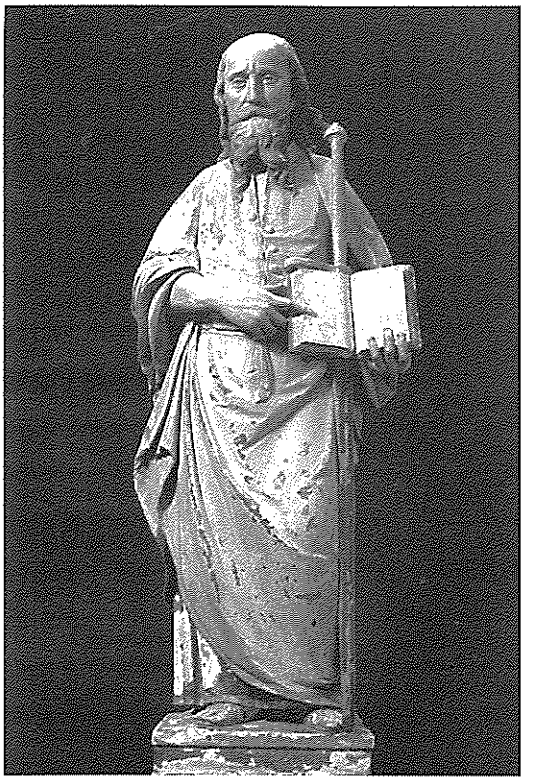
Os humildes começos da *haggaddah* visual paulina encontramo-los já em relevos de sarcófagos dos primeiros séculos, representando quase sempre o seu martírio; floresce depois ao

[1] Cfr. São Gregório Magno ,"Carta a Sereno", PL 77, 1128.

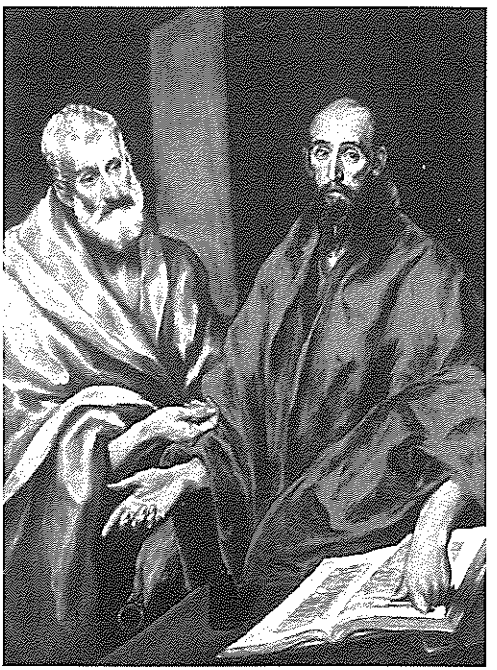
longo da Idade Média em miniaturas, frescos e mosaicos e desenvolve-se plenamente na grande pintura europeia nos séculos XV a XVIII. As cenas mais freqüentemente representadas são a conversão e o martírio e depois também o baptismo e a pregação sobretudo no Areópago de Atenas, Paulo arrebatado ao céu e outros episódios da sua vida, relatados no livro dos Actos dos Apóstolos. São dignos de especial menção os mosaicos da catedral de Monreale na Sicília. No século XVI, Rafael pintou, nas *loggias* do Vaticano várias cenas dos Actos dos Apóstolos, em que aparece Paulo diversas vezes. O último fresco pintado por Miguel Ângelo na Capela Paulina do Vaticano é precisamente a conversão de São Paulo. No século XVII, Caravaggio pintou duas vezes esse mesmo episódio. De Rembrandt, no mesmo século, conhecemos quatro pinturas de temática paulina: Paulo na prisão, Paulo escrevendo, Paulo meditando e auto-retrato como São Paulo. Poussin pintou Paulo arrebatado aos céus... Seria tarefa muito difícil enumerar as obras de temática paulina realizadas na Europa ao longo dos séculos, sobretudo na época barroca. Mas lembremos ainda os painéis de azulejos que revestem muitas das nossas igrejas. É verdade que em Portugal não há muitas que o tenham por orago (São Paulo não é propriamente um santo muito popular), mas como vai sempre ao lado de Pedro tem a sua parte junto dele, também na iconografia.

4. Imagens para a liturgia

As imagens de São Paulo para o culto apresentam-no quase sempre de pé com o livro das epístolas, tanto no Oriente como no Ocidente, e também com uma espada, sobretudo na Igreja latina. A espada alude ao seu martírio, pois foi decapitado, mas também é símbolo da palavra divina por ele anunciada, como diz a Carta aos Hebreus: «a palavra de Deus é


João de Ruão (atr.) - Séc. XVI - MNAA Lisboa

viva e eficaz, mais penetrante que uma espada de dois gumes» (Hb 4,12). Também na Carta aos Efésios, descrevendo as armas da luz que o cristão deve usar nos combates da vida, Paulo refere a «espada do Espírito que é a palavra de Deus» (Ef 6,17). Falar de Paulo é falar do pregador, do semeador da palavra de Cristo que suscita a fé. Mas é falar também do sábio que interioriza a palavra antes de a proclamar. Assim o vemos representado no átrio da sua basílica em Roma e em milhares de imagens esculpidas e pintadas em igrejas de todo o mundo. Lembremos por exemplo a vigorosa tábua saída da oficina de Nuno Gonçalves (séc. XV) e conservada no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. Entre nós são ainda notáveis algumas do século XV e XVI, góticas e renascentistas, quase sempre de pedra calcária, às vezes policromada, da região de Coimbra, e as barrocas do século XVII e XVIII, de madeira entalhada e, muitas vezes, ricamente estofada ou simplesmente pintada. Se as primeiras são mais contidas, frontais e humanas, as barrocas expressam, na sua teatralidade, o dinamismo e as tensões deste homem possuído pelo Espírito de Deus que sente a urgência do anúncio do Evangelho e vive



S. Pedro e S. Paulo - El Greco - Séc. XVI.

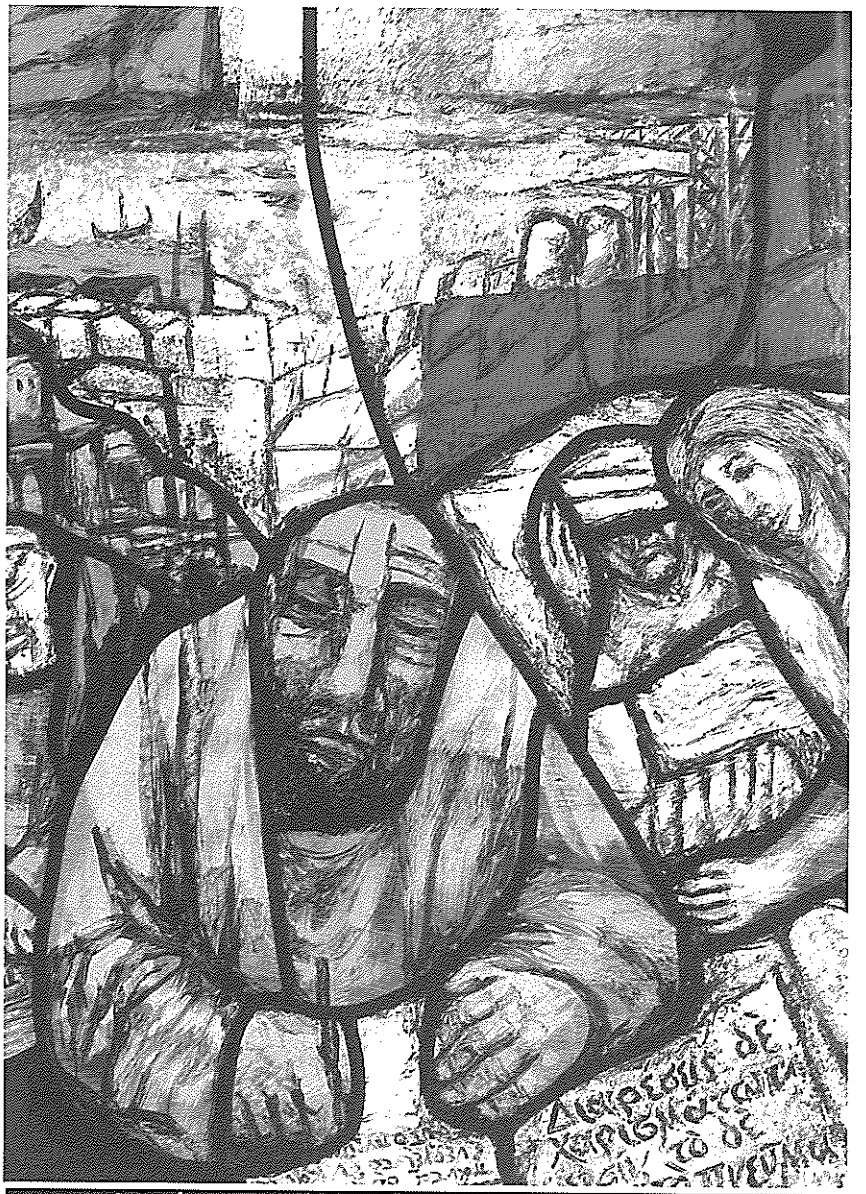
intensamente a solicitude pastoral por todas as igrejas.

E actualmente?

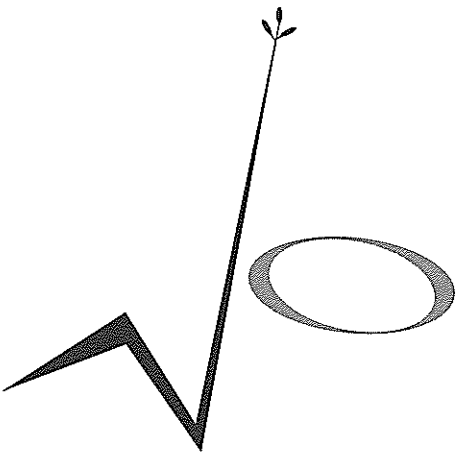
De entre as muitas realizações, certamente desiguais em qualidade artística e densidade espiritual, destaco a título de exemplo: na capela Redemptoris Mater do Vaticano, Marko Rupnik representou São Paulo incluído no grupo dos Doze no Pentecostes, e o seu martírio; um vitral de Sieger Köder na Igreja do Espírito Santo de Ellwangen mostra-nos Paulo escrevendo aos Coríntios, e num retábulo do altar da Igreja de Wasseralfinger, a sua Conversão.

Ao fim de dois mil anos, muito se disse já, por imagens, acerca de Paulo. Estará tudo dito? É claro que não. Paulo continua hoje a falar e a ser escutado, e em cada época e em cada circunstância o tesouro paulino continuará a revelar novos aspectos da insondável riqueza de Cristo. E não esqueçamos que são diferentes as maneiras de ver de cada geração, de cada cultura, de cada artista.

Neste momento em que a Igreja é chamada a um novo impulso evangelizador, conhecer melhor Paulo de Tarso através dos seus escritos e da sua iconografia será para nós, certamente, uma ajuda preciosa para nos tornarmos seus imitadores como ele o foi de Cristo (Cfr. 1Cor 11, 1).



S. Paulo escrevendo aos Coríntios - Vitral de Sieger Köder.



SÃO PAULO NA MINHA VIDA

TESTEMUNHOS

Em que altura exacta S. Paulo "entrou" na minha vida, não sei. Mas, tendo-me sido concedida a graça de "beber" a fé com o leite materno, foi certamente em idade muito infantil. E a fazer fé no que ele próprio escreve sobre o lugar dos crentes em Deus, então foi mesmo *antes da fundação do mundo*, quando Ele *nos escolheu* e *nos predestinou para sermos adoptados como filhos seus* (Ef 1, 4.5). Mas desta bênção divina só tive plena consciência numa fase posterior da minha vida.

Terá sido, talvez, na altura em que começou a despertar ou, pelo menos, a crescer em mim o desejo de o conhecer melhor: no início dos meus estudos de teologia, depois de ouvir de um colega mais adiantado: "Ele tem tudo!" "Ele" era Paulo. "Tudo" é o que a teologia nos ensina. "Se tem tudo – pensei eu – não posso passar sem ele."

A verdade, porém, é que passei. Mas só inicialmente e com as consequências positivas que isso acabou por ter. Não sei por que voltas, a verdade é que terminei o curso de teologia sem frequentar a cadeira hoje mais conhecida por "Escritos Paulinos". E lá ficou o "tudo" à espera de outras oportunidades que, felizmente, não tardaram.

Primeiro em Roma, no Pontifício Instituto Bíblico, onde tive a preocupação de, entre as cadeiras opcionais do NT, dar prioridade às paulinas. Só que nos dois anos em que isso me foi possível, apenas uma surgiu nos programas: "Rm 1-4", leccionada pelo Prof. S. Lyonnet. Suponho que não passámos do cap. I. Confirmava-se que ele, Paulo, tem realmente tudo: o "tudo"do Evangelho que *é poder de Deus para a salvação de todo o crente* (Rm 1,16). Um "tudo" para o qual todo o tempo é pouco. Mas o pouco que aprendi bastou para acentuar a necessidade de ir mais além.

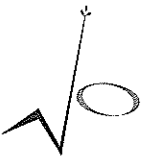
Voltei de Roma com esse desejo e, na bagagem, com o livro de G. Bornkamm, *Paulus*. Embora ainda só no original alemão, já era um marco numa interpretação de Paulo que veio definitivamente a impor-se: a de alguém cuja vida é incompreensível sem a mensagem que anunciou e vice-versa. Deixei-me, na leitura de Paulo, guiar por esse livro, com os meus primeiros alunos, aos quais ensinava mais do que sabia. O habitual nos primeiros passos do ensino. Para mais tratando-se de um "tudo" cujo fascínio ia crescendo em mim: o da *maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor*, por quem Paulo fora para sempre *alcançado* a caminho de Damasco (Fl 3, 8.12).

Chegou finalmente a possibilidade de satisfazer o que se tornara quase uma obsessão em mim. Dos três temas que, em Münster (Alemanha), o Prof. K. Kertelge me sugeriu para tese de doutoramento, dois eram paulinos. Optei por

aquele que, dentro do que tinha vindo a descobrir, mais me poderia ajudar a compreender as incidências do Evangelho no Apostolado de Paulo. É nesse sentido que ele o designa e expõe como *Diaconia da Justiça e da Reconciliação, na Apologia de 2 Cor 2,14-7,4.* Penso que acertei na escolha, ainda por uma outra razão: paralelamente à investigação académica, pude acompanhar pastoralmente uma comunidade de emigrantes portugueses. "Com eles - escrevi no final do prefácio à minha tese – pude experimentar o que significa viver ao «Serviço da Justiça e da Reconciliação», na prática de vida cristã."

Uma perspectiva que, de regresso ao ensino e até hoje, tenho procurado aprofundar, na mesma dupla vertente: a da teoria vivida na prática e vice-versa. O que, de resto, é comum aos restantes livros bíblicos. Todos eles nasceram inseridos na história da revelação de Deus na vida e para a vida dos homens... até que Ele venha a ser para sempre *tudo em todos* (1 Cor 15, 28): o "tudo" que já foi em Cristo e, por Ele, em Paulo e em tantos outros a quem, como *escravo de Cristo, chamado a ser Apóstolo*, continua, até aos fim dos tempos, a transmitir *a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo* (Rm 1,1.7).

D. Anacleto de Oliveira
Bispo Auxiliar de Lisboa



Ao escrever estas linhas, tomei clara consciência que São Paulo foi instrumento escolhido por Deus para cuidar de mim ao longo de todo o meu caminho para e no ministério sacerdotal. Já o sabia e sentia a respeito de Nossa Senhora, minha Mãe, que sempre me dispensou ternura e

graças imerecidas. Também sentia que São Pedro me ensinara a comoção da misericórdia (era eu ainda pré-seminarista), São João a alegria incontida de quem toca a Vida (então como seminarista) e São José a felicidade profunda de ser chamado a tomar parte no mistério do dom do Filho de Deus para o mundo (já como padre). Mas só agora apreendo a presença de São Paulo.

De facto, o Apóstolo entrou na vinha vida na adolescência, pela voz e guitarra do Pe Zézinho, scj: "pela graça de Deus, eu sou quem sou, e a graça de Deus em mim não foi em vão..." (cf. I Cor 15, 10a). Este refrão, cantado e rezado, foi rasgando horizontes e cimentando o desejo de "amar como Jesus amou" e de ser "cidadão do infinito" que luta por "um mundo novo", "não tendo lar mas ganhando um povo". Já no Seminário de São Paulo em Almada, esta mesma palavra paulina, estudada na universidade e rezada no seminário, marcou a minha caminhada espiritual: "pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que me foi concedida, não foi estéril. Pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles: não eu, mas a graça de Deus [que está] comigo" (I Cor 15, 10). Afinal, eu não tinha que ser "certinho" ou "dos melhores" (como me habituara a ser olhado na escola, na paróquia, no Pré-Seminário). Que liberdade se gravou em mim ao descobrir que a graça de Deus actuava em mim e comigo: podia aceitar que tinha fraquezas; o importante era apenas dar-me, em verdade, ao Senhor, que a sua graça é que me levaria por onde Ele quisesse. O Senhor não me escolhia por eu ser bom; escolhia-me, simplesmente, por me amar. Esta descoberta permitiu uma certeza que ainda hoje perdura: "sei em quem pus a minha confiança" (II Tim 1, 12).

Ainda em Almada, o Apóstolo das gentes imprimiu em mim duas marcas que me foram estruturando. Lembro bem a recolecção de curso em São Mamede da Ventosa: "sofre comigo pelo Evangelho" (II Tim 1, 8). Que alegria

poder dar a vida ao Senhor, pelo Evangelho. A descoberta, com São Paulo, de que *me basta a graça de Deus porque é na fraqueza que se manifesta todo o seu poder* (cf. II Cor 12, 9a) deu-me a certeza de que nem o sofrimento poderia roubar a alegria dessa entrega. Hoje isto é ainda mais seguro: diante dos meus desamores e pecados, *esse(s) espinho(s) na carne que já por muitas mais de três vezes pedi ao Senhor que mo(s) tirasse e outras tantas por cá continuam*, São Paulo repete-me que "quando sou fraco, então é que sou forte" (cf. II Cor 12, 7-10). Também diante dos sucessos e insucessos da vida pastoral, São Paulo segreda-me que "trazemos, porém, este tesouro [do ministério] em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso" (II Cor 4, 7). Trago bem guardado o que o Apóstolo me ensinou: participar do ministério de Cristo é participar das tribulações e das consolações desse ministério (cf. II Cor 4, 8-18).

A segunda marca desse tempo de Almada é a novidade da Cruz de Cristo. A descoberta de que a Cruz é já vitória, de que não há Páscoa sem ela, aconteceu mais tarde, já nos Olivais e depois no ministério, muito com São João. Mas começou claramente em Almada com São Paulo, *que não quis outra glória que não a da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo* (cf. Gal 6, 14), *nem outra sabedoria que não Jesus Cristo e Jesus Cristo Crucificado* (cf. I Cor 2, 2). Mais uma vez me atraiu a liberdade libertada que o apóstolo me dava experimentar.

Esta marca cresceu... Ao estudar e rezar São Paulo descobri o mistério do pecado e o mistério da redenção: "não faço o bem que quero mas pratico o mal que não quero. (...) Quem me libertará deste corpo de morte? Deus, a quem dêmos graças, por Jesus Cristo, nosso Senhor." (cf. Rom 7, 14-25). De facto, São Paulo ensinou-me que "se alguém está em Cristo é uma nova criatura; as coisas antigas passaram, tudo foi renovado. Tudo isto vem de

Deus, que por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação (...) Nós somos, portanto, embaixadores de Cristo; é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus". Quando fiz a minha síntese de licenciatura, estes foram os pórticos de dois dos três capítulos. Quando fui ordenado, este era claramente o horizonte para o início do meu ministério: ser ministro da misericórdia divina que liberta e recria.

De então para cá, São Paulo continuou a modelar o meu caminho espiritual. Participar do sacerdócio ministerial de Jesus foi descobrir a união com Cristo que leva a dar a vida na Cruz: "com Cristo estou crucificado. Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2, 19-20). Se, infelizmente, esta ainda não é a minha condição habitual de santidade, já é todavia experimentada no ministério. Na realidade é Cristo *quem opera em mim o querer e o agir* sacramental (cf. Fil 2, 13). É Cristo quem, por graça, já me deu viver experiências de profunda união e intimidade consigo onde *viver era Cristo e morrer era lucro* (cf. Fil 1, 21). É Cristo quem já me fez participar da Cruz e descobrir a densidade de *completar na minha carne o que falta à paixão de Cristo e me alegrar nos sofrimentos que suporto pelo seu corpo, a Igreja* (cf. Col 1, 24) – e como isto me estruturou diante do realismo da vida pastoral. É Cristo quem já me permitiu experimentar as *dores de parto até que Cristo se forme* nos que me confiou (cf. Gal 4, 19). É Cristo quem já me concedeu *sofrer com os que sofrem e alegrar-me com os que se elevam, quais membros de um só corpo* (cf. I Cor 12, 26-27), fosse com os irmãos no sacerdócio com quem vivi até hoje, fosse com aqueles que já servi até ao presente.

Com alegria reconheço que a pregação de São Paulo, escutada e meditada, estruturou a minha vida, a minha fé e o meu ministério. Oxalá

continue a fazê-lo: *pela graça de Deus... possa Cristo viver em mim...* de modo *que praticando a verdade na caridade...* possa chegar *à liberdade para a qual Cristo nos libertou.* (cf. I Cor 15, 10; Gal 2, 20; Ef 4, 15; Gal 5, 1)

Padre José Miguel
Vice-Reitor do Seminário dos Olivais



«O Deus que disse: das trevas brilhe a luz, foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo». (2Cor 4, 6)

Nem sempre é muito evidente a fronteira entre a vida iluminada por Jesus e a que, brilhando, permanece nas trevas. Isso aconteceu com São Paulo que foi um homem brilhante no seu tempo, respeitado entre os fariseus, honesto cumpridor dos preceitos da sua religião - em suma, um homem recto - só que era um homem recto que não tinha ainda a sua existência iluminada por esta luz que faz irradiar em nós a glória de Deus. Nisto identifico-me muito com São Paulo. Também a dada altura da minha vida, confundi a felicidade com pequenas ou grandes conquistas pessoais e pelo apreço e admiração que conseguia das pessoas, desmultiplicando-me em responsabilidades, projectos e actividades que enchiam a minha vida de brilho, mas que não transportavam a chama do Eterno.

Se é certo que nunca estive tão radicalmente do outro lado como São Paulo, admiro a reviravolta que deixou acontecer na sua vida. De homem

admirado e confiável, passou a louco, insensato e perseguido pelos seus. Com ele aprendi que de nada valem as credenciais e o nosso estatuto se isso for para nós motivo de cegueira, com ele aprendi que o que sou, sou-o pela Graça de Deus que habita em mim, e que é preferível assumir as minhas fraquezas para que Deus se manifeste nelas, do que apoderar-me dos dons de Deus em meu proveito e correr o risco de O ofuscar.

Sendo seminarista, não deixo de olhar Paulo como um dos reflexos mais luminosos do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. De facto, a mesma determinação que usou para perseguir os cristãos, usou-a depois, com a ajuda de Deus, para, fazendo-se tudo para todos, ganhar mais alguns para Jesus. Num mundo marcado pelo relativismo, em que muitas vezes temos um certo pudor em anunciar a Verdade como nos foi dada em Jesus Cristo, Paulo surge como um testemunho de fidelidade e zelo evangélico que chega a ser incómodo, tal é a sua insistência. Quantas vezes me valho dos seus kerigmas nas minhas catequeses, quantas vezes me lembro do que ele fez numa ou noutra situação, não para reproduzir aqui e agora as suas acções, mas para me lembrar que, em nenhum momento, ele se envergonhou do Evangelho e que sempre colocou o anúncio do amor de Deus à frente de tudo na sua vida, ou melhor, à frente da sua própria vida. Peço a Deus a graça de poder, na minha vida, testemunhar com Paulo: «Para mim viver é Cristo e morrer é lucro.»

Hugo Gonçalves
Aluno do 4º Seminário dos Olivais



Por Cristo, com Cristo e em Cristo através de S. Paulo

Falar de S. Paulo na minha vida é de facto um desafio, pois enquanto me ajuda a ver a minha história à luz da palavra de Deus proferida por este homem, faz-me tomar consciência da força desta palavra.

Recordo-me de que na minha infância me fazia confusão o facto de na missa aparecer sempre uma leitura de S. Paulo dirigida a alguma comunidade e sentia-me excluído: achava que tinha direito a que ele escrevesse também para alguma cidade mais pertinho de mim e que eu conhecesse. Como é natural, estas questões de criança encontraram a seu tempo resposta e explicação apropriadas. Com a catequese, S. Paulo foi surgindo na minha ideia como um herói que tinha andado noutros tempos pelas cidades do mundo a anunciar Jesus Cristo. Todas as imagens que via dele o apresentavam com uma espada. Portanto, fazia sentido que fosse entendido por mim como um grande herói.

S. Paulo tornou-se assim uma das figuras do Novo Testamento que eu mais admirava e admiro ainda. O livro dos Actos dos Apóstolos contava-me as suas andanças e aventuras, e as suas Cartas foram-me revelando este admirável aventureiro que gastou a sua vida pregando o Evangelho. Claro que isto impressionou o adolescente que eu fui e S. Paulo rapidamente se tornou o meu "apóstolo preferido".

Mas a infância passa e a adolescência acaba por destruir as suas fantasias. Colocam-se questões, pois afinal de contas tudo tem de ter uma razão. Porquê e para quê fazer isto ou aquilo? Que diferença faz acreditar ou não em Jesus? Aconteceu que também aqui S. Paulo me apareceu como aquele que responde com a radicalidade que eu exigia, porque se deu inteiramente. Era um homem de carácter forte, e logo à partida isso ajudava, pois me permitia perceber que Jesus não é apenas uma ideia. É alguém que está vivo, tem respostas concretas e pode plenificar inteiramente a nossa vida.

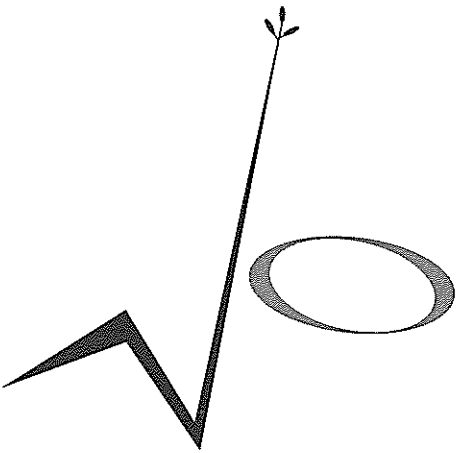
"*Para mim, viver é Cristo e morrer, um lucro*". Estas não podem ser palavras de um louco qualquer: se para Paulo (e para mim) viver é Cristo, se Cristo não estivesse na minha vida, viveria eu verdadeiramente? Estas frases provocadoras questionaram-me profundamente, despertaram em mim a curiosidade e a determinada altura levaram-me entrar para o seminário. Se realmente a vida plena é Cristo, eu quero entregar-lhe a minha vida para Ele viver em mim.

Com a caminhada vocacional fui percebendo que estas palavras de S. Paulo não são apenas coisas ditas da boca para fora. Na verdade, ele foi um homem entregue ao serviço do Evangelho na radicalidade do seu ser e isso entusiasmava-me talvez por ser difícil, exigente e radical. Deixei-me apaixonar de novo pela ousadia de Paulo que agora era para mim um claro desafio a dar a vida toda; tal como ele, vou aprendendo a "*alegrar-me nos sofrimentos que suporto na minha carne, completando assim o que falta às tribulações de Cristo*" *(Col, 1,24)*. Dar o corpo e a vida é dar muito, mas dar a vida implica também dar a própria vontade. S. Paulo apresenta-se-me como exemplo admirável do verdadeiro discípulo e apóstolo de Cristo. Com ele vou aprendendo que ninguém é tão merecedor da nossa vida como Aquele que no-

la deu. Ao olhar a minha história poderia dizer que S. Paulo foi o Ananias que veio abrir-me os olhos para me ajudar a reconhecer Cristo ressuscitado, e me ensinar a dizer: "*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim*" *(Gal 2,20)*.

Ao mesmo tempo que Paulo se apresenta como um homem decidido que não olha às dificuldades para anunciar a Cristo, vejo também nele a figura do homem humilde que não quer outra coisa senão seguir a Cristo. Hoje, é isto que eu mais quero aprender de S. Paulo: "*Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*" *(Gal 6,14)*.

Ricardo Ferreira
Aluno do 6º ano do Seminário dos Olivais



PELOS CAMINHOS DE SÃO PAULO

CRÓNICA DE UMA PEREGRINAÇÃO

Cónego João Marcos

Percorrer no Ano Paulino alguns dos caminhos do apóstolo Paulo com o Novo Testamento na mão e no coração foi para mim uma graça inestimável e uma oportunidade para *reavivar o dom espiritual que Deus me confiou pela imposição das mãos do bispo* (2Tim1,6) e *calçar-me de novo com o zelo para anunciar o Evangelho da paz* (Ef 6,15).

Não fui sozinho. Éramos seis padres diocesanos de Lisboa mais o doutor João Lourenço ofm que organizou a viagem, e trinta e oito leigos. O grupo todo somava quarenta e cinco pessoas. Foram dias intensos em que a comunhão fraterna foi crescendo entre nós.

De Atenas e Corinto a Antioquia e a Tarso podemos dizer que fizemos ao invés o percurso paulino. Faltou Chipre, Damasco e Jerusalém a oriente e

Creta, Malta e Roma a ocidente para ficar mais completo. Do ocidente ao oriente, da foz até à fonte, seguimos o leito de um rio que as vicissitudes históricas fizeram secar e de que apenas encontramos, fora da Grécia, algumas poucas comunidades cristãs ortodoxas e católicas que mantêm o nome de Jesus Cristo como pequenos oásis de esperança no meio do deserto, como rebento débil em terra árida (Cf Is 53,2).

Iniciámos a viagem no dia 20 de Agosto. Fizemos escala em Madrid e, ao aterrarmos, vimos à nossa direita uma grossa coluna de fumo negro. Soubemos depois que se despenhara um avião momentos antes. Fomos talvez dos últimos a aterrar antes de o aeroporto ser encerrado ao tráfego aéreo. Chegámos a Atenas já muito tarde, dormimos pouco e no dia seguinte, logo de manhã, fomos à Acrópole. Vários milhares de turistas de três navios ancorados no Pireu chegaram logo depois e engoliram e dispersaram o nosso grupo. Demorámos cerca de uma hora a chegar aos Propileus e ao cimo da Acrópole para podermos admirar o Parténon, o Erecteion e a magnífica paisagem da cidade.

Na base da Acrópole situa-se o Areópago de Atenas, aonde alguns atenienses conduziram Paulo para o ouvirem falar. Uma placa de bronze mostra-nos hoje gravadas as suas palavras consignadas por São Lucas em Act 17,22-34 que são um resumo da sua pregação aos gentios. Ouvimo-las em português nesse mesmo lugar, explicadas pelo doutor João Lourenço. A pouca aceitação da mensagem de Paulo por parte daquele auditório reavivou em mim a consciência da dificuldade que a Igreja tem de anunciar, de forma credível, o Evangelho aos pagãos de hoje que, como os de então, *vivem entretidos em dizer ou ouvir as últimas novidades* (Cf. Act 17,20). De seguida fomos celebrar a Eucaristia na catedral católica de Atenas, edificada no século XIX, que tem

por padroeiro São Dionísio Areopagita, e visitámos o Museu Nacional de Arqueologia. Depois do almoço contornamos a costa marítima até ao cabo Sunion onde admiramos as ruínas do templo de Poseidon.

No dia seguinte, nas ruínas de Corinto onde Paulo chegou *cheio de fraqueza, receio e tremor* (1Cor2,3) recordamos como, animado pelo Senhor que lhe disse numa visão *não temas, continua a falar e não te cales. Eu Estou contigo e ninguém levantará a mão para te fazer mal pois tenho um povo numeroso nesta cidade* (Act 18,9-10), Paulo experimentou, na sua fraqueza, o poder do Senhor: *a minha palavra e a minha pregação nada tinham da linguagem persuasiva da sabedoria mas eram uma manifestação do poder do Espírito* (1Cor 2,4). Este desmedido contraste entre a grandeza da missão e a sublimidade do Evangelho e a pequenez e as limitações do pregador, quantas vezes as sentimos no exercício do nosso ministério. E, no entanto, ai de nós se ficamos a olhar para nós próprios e não anunciamos o Evangelho. Ali nos foi recordada a permanência de Paulo em Corinto durante ano e meio. Ali foi escrito o primeiro texto do Novo Testamento, a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Partindo do conteúdo das Cartas aos Coríntios, o padre João Lourenço deu-nos um panorama da vida e dos costumes desta que foi, naquele tempo, a cidade mais rica de toda a Grécia, e as dificuldades próprias dos cristãos de Corinto para viverem de acordo com a fé em Jesus Cristo.

De tarde visitámos Micenas e o teatro de Epidauro no desaparecido santuário de Asclépio.

No dia 23 viajámos de Atenas para Larissa, a capital da Tessália. Atravessando a Beócia, lembramos Maratona, Tebas e as suas lendas, Édipo, as musas, Hélicon e o Parnaso, e visitamos o santuário de Delfos. À noite,

depois de celebrarmos a Eucaristia no hotel, alguns de nós visitámos uma lindíssima catedral ortodoxa onde se veneram as relíquias de um santo Arcebispo.

Chegámos a Tessalónica, capital da Macedónia e, actualmente, a segunda maior cidade da Grécia, no dia 24 de Agosto. Visitámos a Catedral de São Demétrio, o Museu Arqueológico e a Rotonda de São Jorge, antigo mausoléu do imperador Galério transformado em Capela palatina pelo imperador Teodósio. Naturalmente que se falou de Filipe II da Macedónia e de seu filho Alexandre o Grande, e das consequências culturais e políticas das suas campanhas militares. Quanto a São Paulo, recordámos os três sábados em que pregou na sinagoga *explicando e demonstrando que era preciso que o Messias sofresse e ressurgisse de entre os mortos, e que o Messias, o Cristo, é este Jesus que eu vos anuncio* (At 17, 2-3). Este Kerigma foi acolhido por alguns judeus e por bastantes prosélitos e gentios que formaram a comunidade cristã de Tessalónica. Recordámos também a perseguição levantada pelos judeus que não aceitaram o Evangelho e que obrigou Paulo e Silas a partir para Bereia onde se repetiu o esquema: querigma, formação da comunidade, perseguição. Não passámos por Bereia mas soubemos que é na Grécia a cidade que mantém mais viva a memória da passagem de Paulo. Além do monumento chamado Bema de Paulo, realiza-se anualmente nessa cidade o festival Páulia, com um série de acontecimentos religiosos, culturais, desportivos e artísticos, coroados sempre por uma conferência científica sobre Paulo e os seus escritos.

Na tarde desse dia 24 de Agosto estivemos nas ruínas de Filipos. Uma pequena e muito bela igreja de Santa Lídia e um batistério também recente assinalam junto do rio o local onde Paulo pregou e baptizou as primeiras



Ícone de São Paulo - Igreja de Santa Lídia em Filipos.

mulheres europeias. Vimos também a cave de uma antiga casa, considerada pela tradição como sendo a prisão em que foram detidos Paulo e Silas e onde se deu a conversão do carcereiro e de toda a sua família (Cf. At 16, 16-40), vimos ainda as ruínas das três basílicas paleocristãs e no pavimento de uma delas, de planta octogonal, um mosaico do século V com o nome de Paulo. Trata-se do mais antigo lugar de culto dedicado a São Paulo, como se depreende da dita inscrição: *o bispo Porfírio ornamentou a basílica de Paulo em nome de Cristo.* É claro que o doutor João Lourenço aproveitou para falar da carta aos filipenses, do seu carácter eminentemente cristológico, e da ternura que São Paulo tinha por esta primeira comunidade por ele evangelizada na Europa.

Seguindo a Via Egnácia que Paulo também percorreu em sentido inverso chegamos a Kavala, nome actual da cidade portuária de Neápolis, onde Paulo, vindo de Tróade, pisou pela primeira vez o chão da Europa, e de onde se dirigiu para Filipos. Aí pernoitámos. Depois do jantar, passeando naquele lugar onde Paulo aportou, vimos e ouvimos uma pregação no meio da rua. Cheio de coragem e com a ajuda de poderosos altifalantes, um homem,

integrado num grupo, anunciava Jesus Cristo a quem passava. Porque era em grego, pouco percebemos, mas pareceu-nos um anúncio muito bem feito, com muita coragem e convicção.

No dia seguinte, atravessando a Macedónia e a Trácia deixámos a Grécia e entrámos na Turquia. Depois de passarmos o estreito de Dardanelos, percorremos as ruínas de Tróia e vimos o pôr do Sol no mar Egeu.

Em Pérgamo, visitámos no dia seguinte a impressionante Acrópole, onde, no dizer do Apocalipse (2,13), *se ergue o trono de Satanás*, ou seja, a sede do culto imperial na Ásia menor. Visitámos também o santuário de Asclépio e começámos a ler as cartas do Apocalipse às sete igrejas. Passámos por Esmirna, recordámos o martírio de São Policarpo e chegámos a Éfeso. À tardinha, nas ruínas do imenso teatro, recordámos a estadia de São Paulo com a sua equipa evangelizadora por dois ou três anos *de modo que todos os habitantes da Ásia, judeus e gregos, puderam ouvir a palavra do Senhor* (At 19,11). Cantámos com entusiasmo o hino "Paulo, Servo de Cristo Jesus", composto pelo padre Teodoro de Sousa e que foi estreado por nós nesta viagem. Este cântico serviu-nos para sublinhar, com as próprias palavras do Apóstolo, em cada lugar onde fazíamos memória dele, a sua presença espiritual no meio de nós.

Paulo fundou a Igreja de Éfeso, mas esta cidade, berço dos escritos joaninos, recorda-nos também São João Evangelista e a Virgem Maria. Começámos o dia 27 de Agosto celebrando a Eucaristia junto à casa de Nossa Senhora, uma das poucas presenças da Igreja Católica na Turquia. Na basílica de São João, onde se diz estar o túmulo do Apóstolo, lemos um trecho da sua primeira epístola. Lembrámos também o Concílio de Éfeso, celebrado nesta cidade em 431 na Igreja de Santa Maria, cujas ruínas não pudemos visitar. Mas

ressoaram aos nossos ouvidos as palavras ardentes da homilia ali proferida por São Cirilo de Alexandria: *"nós te louvamos ó Maria Mãe de Deus, venerando o tesouro de toda a terra, lâmpada inextinguível, coroa da virgindade, ceptro da doutrina verdadeira, templo indestrutível, morada d'Aquele que nenhum lugar pode conter, Mãe e Virgem por meio da qual, nos santos evangelhos, é chamado bendito O que vem em nome do Senhor!"*

Não muito longe de Éfeso, no teatro romano de Mileto, escutámos as palavras da despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso que Lucas registou no livro dos Actos dos Apóstolos: *de forma alguma considero a minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que leve a bom termo a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus: dar testemunho do Evangelho da Graça de Deus... não me furtei a anunciar-vos todo o desígnio de Deus a vosso respeito* (At 20,24-27). Quem me dera poder um dia dizer eu também, com toda a verdade, estas palavras!

A caminho de Hierápolis, passámos perto de Magnésia e de Trales e lembrámos Santo Inácio de Antioquia escutando alguns trechos da sua carta aos tralianos, na qual transparece, já no fim do século I, a plena estruturação das igrejas com bispo, presbíteros e diáconos. Lemos também as cartas do Apocalipse às igrejas de Sardes, Filadélfia e Laodiceia quando passávamos perto dos locais onde floresceram essas cidades. Pelo entardecer chegámos a Hierápolis que hoje tem o nome de Pamukkale e admirámos a paisagem de sonho que o calcário das fontes termais ali criou. De acordo com o testemunho de Eusébio de Cesaréia e das escavações arqueológicas, ali viveu e foi martirizado o diácono Filipe de que fala o Livro dos Actos e as suas quatro filhas profetisas (At 8,4-7.26-40). Sob um céu cinzento de trovoada estival que ameaçava chuva apreciámos algumas ruínas dessa que outrora foi uma cidade grandiosa. O

nome de Papias e a inscrição do epitáfio de Abércio, de fins do século II acudiram-me ao pensamento: "*cidadão de uma pátria ilustre, construí em vida este túmulo para nele repousar meu corpo. Chamo-me Abércio. Sou discípulo de um santo pastor que apascenta seus rebanhos de ovelhas sobre montes e planícies. Ele tem grandes olhos que tudo vêem. Ensinou-me as escrituras da verdade e da vida. Enviou-me até Roma para contemplar a sua majestade soberana e ver a rainha em vestes e sandálias de ouro. Lá conheci um povo assinalado com um sinal resplandecente. Fui também à planície da Síria. Vi cidades como Nísibe, além do Eufrates. Em toda a parte achei irmãos e tive Paulo por companheiro. Em toda a parte guiou-me a fé que me serviu em alimento um peixe de fonte, grande, puro, pescado por uma santa virgem, que o dá aos seus amigos. Ela possui um vinho delicioso e serve-o juntamente com pão. Eu, Abércio, ditei este texto e fi-lo gravar na minha presença aos setenta e dois anos. O irmão que por acaso o ler, ore por Abércio. Ninguém ponha outro túmulo por cima do meu sob pena de multa: duas mil peças de ouro para o fisco romano, e mil para Hierápolis, minha ilustre pátria.*"

No dia seguinte, passando por Icónio (actual Konya) lembramos a primeira viagem apostólica de Paulo e Barnabé: o querigma aos judeus na sinagoga de Antioquia da Pisídia e o que se passou depois em Icónio, Listra e Derbe. Visitámos também o túmulo de um famoso místico muçulmano, Mevlana, que no século XII deu origem à Ordem dos Derviches, famosos pelo rodopiar das suas danças extáticas: Icónio é hoje a cidade mais fundamentalista da Turquia e não há qualquer presença de cristianismo, aliás, como nas outras cidades turcas exceptuando Esmirna, Éfeso, Antioquia, Istambul e poucas mais.

Depois de visitarmos um caravanserai do século XII em Sultan Hani, chegámos a Ürgüp, no coração da Capadócia. Aí fizemos memória

dos padres capadócios São Basílio Magno, São Gregório de Nissa e São Gregório de Nazianzo, com um breve e muito belo excerto do comentário de São Gregório de Nissa ao Cântico dos Cânticos.

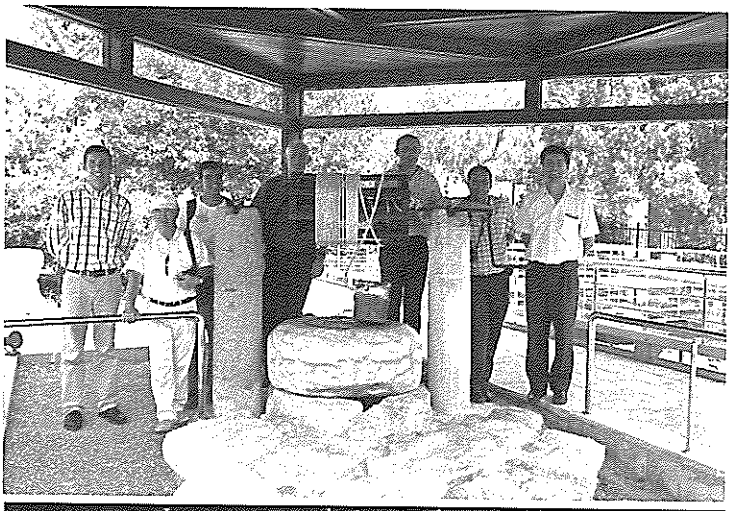
A paisagem da Capadócia é das mais surpreendentes da Ásia Menor e do mundo inteiro pelas formações rochosas que a chuva e o vento modelaram ao longo de milénios no tufo macio coberto de uma fina camada de basalto. Aí, onde nasceu São Basílio, pai do monaquismo ortodoxo, floresceram comunidades monásticas que escavaram nas rochas as suas igrejas e mosteiros, tal como as outras pessoas escavavam as suas habitações. Visitámos o vale de Göreme onde muitos cristãos encontraram abrigo no tempo das perseguições e onde muitos ascetas e eremitas cultivaram a vida cristã e se santificaram. Existem ali mais de mil igrejas, capelas e mosteiros, sendo os mais antigos do século VII. Muitos, do período iconoclasta, ostentam uma decoração simples e geométrica. Outros, mais tardios, estão cobertos de belos frescos, quase todos muito danificados e não apenas pela inclemência do tempo.

Antes de deixarmos a Capadócia visitámos a cidade subterrânea de Kaymakli. Conhecem-se mais de duzentas mas estão actualmente estudadas trinta e cinco cidades subterrâneas que foram locais de refúgio dos cristãos desde as perseguições nos séculos II e III e, sobretudo, nos séculos X a XII, quando o cristianismo foi aniquilado pelo Islão. São autênticos labirintos que chegam a ter doze níveis e cento e vinte metros de profundidade, onde em vão procuraram sobreviver comunidades inteiras de cristãos. Estas cidades são testemunhos dramáticos da resistência dos cristãos e do seu aniquilamento pelo Islão naqueles séculos. Hoje, que o Islão está em grande expansão na Europa, aqueles labirintos subterrâneos devem fazer-nos pensar.

Atravessando as montanhas do Tauro, deixámos a Capadócia no dia 30 de Agosto, Sábado. Passámos através da fértil planície da Cilícia e chegamos a Antioquia da Síria, que agora pertence à Turquia e tem o nome de Antáquia. *Foi ali que os discípulos começaram a ser chamados cristãos* (At 11,26). Foi ali que Paulo e Barnabé dinamizaram a Igreja local durante um ano e foram enviados a levar ajuda material à comunidade de Jerusalém. Foi dali que Paulo, Barnabé e Marcos partiram para a primeira viagem apostólica. Depois de uma breve visita ao museu arqueológico celebrámos a Eucaristia na pequena igreja, digamos mesmo na igreja doméstica, na missão católica. Fundada em 1846 por um capuchinho italiano, o padre Basílio, martirizado em 12 de Maio de 1851, está situada actualmente no centro histórico da velha Antioquia, precisamente na zona do bairro judeu, onde existiu a primeira comunidade cristã, como lemos nos Actos dos Apóstolos. Tem perto uma igreja ortodoxa e uma pequena sinagoga. Não há actualmente mais de mil cristãos católicos e ortodoxos nesta cidade que tanta importância teve nos inícios do cristianismo. A comunidade católica integra quatro pequenas comunidades neocatecumenais constituídas por católicos e ortodoxos que realizam assim um ecumenismo muito concreto e fecundo. Não pudemos visitar a antiga Igreja de São Pedro que lembra a passagem do apóstolo por Antioquia e o seu confronto com São Paulo por causa dos judaizantes (Cf. Gal 2,7-16) mas lembrámos de novo Santo Inácio de Antioquia, o evangelista São Lucas que ali nasceu, São Marcos e São Barnabé que ali viveram. Em Antioquia foi editado o Evangelho segundo São Mateus na forma canónica que hoje temos e, provavelmente, também a Didakê. Lembrámos ainda São Teófilo de Antioquia, o primeiro escritor eclesiástico a usar a palavra Trindade para designar as três pessoas divinas, São João Crisóstomo que ali

nasceu e viveu até ser chamado a presidir à Igreja de Constantinopla como patriarca, e São Simeão Estilita, o jovem, que no século VI, vivendo entre o céu e a terra no alto de uma coluna como candelabro da fé, realizou um apostolado fecundo entre os seus contemporâneos. Pensa-se que a origem dos minaretes das mesquitas está na coluna dos estilitas, pois ainda hoje se conservam em Antioquia e na Síria alguns muito antigos que as reproduzem. Vimos um muito perto da actual igreja católica, ao lado de uma pequena mesquita.

Antioquia! Tantas memórias desta igreja mãe, deste patriarcado, e tão pouco tempo para a visitar! Foi muito bela a Eucaristia que ali celebrámos, apesar do muito calor abafado e húmido!


Junto ao poço de São Paulo em Tarso.

No dia 31 de Agosto, partimos de Antioquia para Tarso, e assim chegámos à nascente deste rio que é Paulo. Motivado certamente pelo Ano Paulino, o Ministério da Arqueologia e do Turismo, ou outra instância competente, deu um novo arranjo às ruínas da casa e do poço de São Paulo, venerados como tais desde há séculos, por se encontrarem na parte habitada por judeus no século I. As antigas igrejas e basílicas de Tarso, tal como aconteceu noutras cidades, foram transformadas em mesquitas. Há, no

entanto, uma igreja do século XVIII, hoje museu, que se pode visitar. Aí evocámos São Paulo com alguns dos seus textos mais autobiográficos numa pequena celebração. Aí fizemos ressoar, com o cântico do padre Teodoro, as palavras com que Paulo se apresenta no início da Carta aos Romanos: *Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo para anunciar o Evangelho de Deus.*

Depois do almoço partimos para Istambul por via aérea. Dos dois dias e meio que ali vivemos, concluindo a nossa peregrinação, apenas sublinharei o deslumbramento dos mosaicos e frescos da igreja de São Salvador em Chora que datam da chamada renascença bizantina (1261-1350), a grandiosidade e a beleza de Santa Sofia e o encontro com a memória do beato João XXIII que foi administrador do vicariato apostólico de Istambul entre 1934 e 1944, lançando pontes entre católicos e ortodoxos e entre católicos e muçulmanos, e ajudando milhares de judeus a escapar aos nazis.

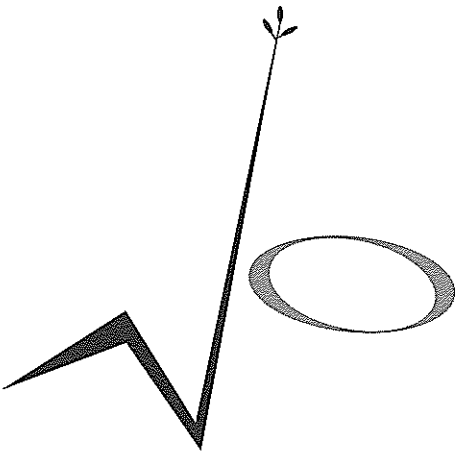
Em um mosaico do nártex interior da Igreja de São Salvador de Chora, ladeando com São Pedro a porta de entrada, encontramos a vigorosa figura de São Paulo coberta durante séculos pelo gesso e pela cal dos muçulmanos e agora restituída ao nosso olhar pelo trabalho de arqueólogos americanos. Possa esta viagem, possa este Ano Paulino, devolver-nos a imagem deste Paulo ardente que nos chama à conversão e nos incita a viver e a testemunhar o cristianismo adulto em que a fé actua pela caridade (Cf. Gal 5,6) e em que a vida se manifesta e testemunha.

Agradecemos ao doutor João Lourenço a forma sábia como orientou esta peregrinação, trabalho nada fácil quando os interesses dos guias locais e dos circuitos turísticos colidem com os dos peregrinos. Para mim,



No Pátio da Missão dos Capuchinhos em Antioquia.

pessoalmente, a amizade e a comunhão entre o grupo de presbíteros foi o melhor suporte desta viagem e um verdadeiro cálice de bênçãos para nós e para todo o grupo. Dou graças ao Senhor pela presença dos padres Filipe Santos, Armindo Reis, Jorge Doutor, Carlos Marques e Sérgio Mendes. As laudes e as vésperas rezadas em conjunto, as eucaristias celebradas (quase) clandestinamente nos diversos hotéis e a solicitude atenta aos irmãos fizeram-nos crescer como membros do mesmo presbitério diocesano.



A IGREJA E OS MEDIA

Nuno Rosário Fernandes

Ainda muito antes de Gutenberg ter inventado em 1440, o célebre método de caracteres móveis que permitiu o desenvolvimento da Imprensa escrita em todo o mundo, o Homem já tinha desenvolvido outras formas de impressão, embora ainda primitivas. Na China, local onde foi inventado o papel, aparecem as primeiras formas de reproduzir texto escrito em vários exemplares no século II a.C. A xilografia mais antiga é datada do século IX d.C., e segundo aquilo que muitos especialistas tem estudado, na Europa a xilografia apareceu de uma forma autónoma. No final do século XIV já se fazia a impressão por xilografia de páginas completas, onde se incluíam cartas, calendários, estampas de santos, orações entre outras.

Só em pleno século XV é que os métodos de reprodução de texto sofrem grandes alterações, devido ao contributo de Johan Gutenberg. Na sua oficina termina em 1456 a impressão de uma Bíblia de 42 linhas, que é então conhecida por Bíblia de Gutenberg, e que foi a primeira a ser impressa.

Como se pode verificar, na História da Imprensa encontram-se algumas referências a motivos e crenças religiosas. Portugal assistiu em 1487 à impressão do Pentateuco em caracteres hebraicos. No entanto a Igreja não aceitou desde logo estas inovações tecnológicas que possibilitaram a impressão da Bíblia. A Igreja Católica considerava que com a sua publicação e difusão, a Bíblia tornava-se mais acessível às pessoas e seria susceptível de interpretações pessoais que poderiam ser consideradas mais autênticas do que a interpretação da própria Igreja.

Mas vai ser a Igreja quem contribui para uma rápida expansão da Imprensa por todo o mundo cristão. Recorrendo à vasta rede de abadias, sedes episcopais e universidades, assiste-se a uma eficaz divulgação dos livros sagrados, clássicos gregos, latinos e textos escolásticos. Apesar disso também vai ser a Imprensa a causadora de uma barreira entre Igreja e o mundo. O problema vai-se verificar, sobretudo, com uma Imprensa sobre a qual não é possível ter controlo e que se põe ao serviço do espírito moderno e propaganda reformadora, colocando então questões sobre a pureza de fé e dos costumes.

Na História da Igreja e da sua relação com os meios de comunicação, podemos distinguir quatro períodos, embora sem datas muito concretas ou definidas:

1)- o período da hostilidade - (Sisto IV - 1479 a Pio IX -1864)

2)- o período de uma descoberta - (Leão XIII - 1878 a Pio XI - 1936)
3)- o período da auto suficiência -(Pio XII - 1936 a João XXIII - 1959)
4)- o período do diálogo. (Paulo VI : Concílio Vaticano II- 1964)

No primeiro período vive-se uma fase de censura e repressão que permanece desde o pontificado de Sisto IV até ao século XIX. Em 17 de Março de 1479, Sisto IV, publica o Breve *Accepimus litteras vestras* onde aprova e apoia as medidas tomadas pela Universidade de Colónia contra os livros que dizia infestados de heresia[1]. Em 1486, o arcebispo de Mogúncia, Berthold von Hennenberg, dá vida ao primeiro gabinete de censura prévia. No ano seguinte, Inocêncio VIII na constituição *Inter multiplices* define as regras que irão regulamentar o mundo do livro e das publicações. Regras que vão permanecer durante cinco séculos.[2]

A importância da comunicação e o direito de informação surge na sociedade europeia entre o século XVII e o século XVIII, épocas do pensamento laico e no quadro da definição dos direitos dos homem. A declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789 (*La Déclaration des droits de l'homme et du citoyen*) considerava a livre comunicação de pensamento e opinião, um dos direitos mais preciosos do homem. Cada cidadão podia assim falar, escrever e imprimir livremente. Deste modo à semelhança do que se

[1] F. FERREIRA, Teologia da Comunicação. Delineamento do Magistério eclesiástico, In: Didaskália XV (1985), Pag.308.

[2] Outros documentos e decisões surgiram: a constituição *Inter sollicitudines* de Leão X em 1515; as decisões do Concílio de Trento - 1562/63; o *Index* de Pio IV em 1564; a Constituição *Sollicita ac provida* de Bento XIV em 1753; a Constituição *Officiorum ac menurum* de Leão XIII e o *Codex Iuris Canonici* de 1917. Mas segundo Baragli, não passaram de adaptações aos tempos.

passara no século XVI, em que a propaganda antipapista se serve maciçamente do panfleto, agora no século XIX, o mundo anticlerical utiliza o jornal para desferir o seu violento ataque às instituições eclesiásticas.

Neste sentido, as tomadas de posição do Magistério Eclesiástico, tendo em vista a contestação dos ataques anticlericais e a corrupção ou os desvios de alguma Imprensa católica, são predominantemente pessimistas.[3]

Assim a Encíclica *Mirari vos* do Papa Gregório XVI, de 15 Agosto de 1832, e *Singulari nos* de 1834, condenara as teorias amorais e agnósticas do liberalismo. Estes documentos, consideram a Imprensa como fonte de todos os males políticos, religiosos e morais do século. «Os documentos - escreve Baragli - quase ignoram que a Imprensa, sob a forma de jornalismo, já não se identificava com a cultura clássica, mas com a informação em sentido moderno, autêntico "quarto poder" enquanto expressão e factor polarizante das opiniões públicas, bem como animador das mesmas»[4].

Por outro lado, Pio IX retoma na Encíclica *Quanta cura*, a 8 de Dezembro de 1864, os principais erros da época que, desde o racionalismo ao liberalismo atacavam a doutrina cristã e deturpavam os costumes, causando a perturbação nas consciências e nas comunidades.[5] Perante estes erros, Pio IX proclama um Jubileu para elevar um coro de orações e à própria encíclica junta o *Syllabus*, que era o elenco desses mesmos erros, formulando-os

---

[3] F. FERREIRA, Teologia da Comunicação. Delineamento do Magistério eclesiástico, in: Didaskália XV (1985), Pag.310.

[4] E. BARAGLI, Comunicazione e pastorale. Sociologia degli strumenti della comunicazione sociale, SRCS, Roma 1974, Pag.108.

[5] Magistério Social da Igreja, Edições Paulistas, Lisboa 1961, Vol. I , Pag.31.

sinteticamente e condenando-os. Em síntese, podemos dizer que estes documentos atacam a liberdade de Imprensa e de Informação.

Esta desconfiança e austeridade para com a Imprensa vai marcar então o magistério oficial da Igreja, ao mesmo tempo que condiciona de um modo decisivo a actividade dos jornais e dos jornalistas católicos durante o século XIX.

Esta será portanto uma primeira fase da relação da Igreja com os meios de comunicação. Uma época em que permanece uma ideia negativa sobre a informação e a Imprensa. A posição defendida pela Igreja traduzia-se num desinteresse pelo mundo da comunicação social e ainda pela desalfabetização.

Por outro lado, a Igreja dedicava uma enorme atenção aos livros. Considerava que estes eram uma forma de expressão da cultura de elite e que os destinos da humanidade ainda dependiam das classes dominantes. Na visão da Igreja Católica quer a verdade quer o erro eram por isso, conceitos definidos pelos livros dos pensadores.

O Segundo período desta relação da Igreja com a Imprensa, começa somente quando a Igreja se apercebeu de que a sua força não provinha dos príncipes mas da fidelidade dos povos. Nesta altura começou-se a compreender que a Imprensa poderia ser útil. Este poderia ser um meio a utilizar, para fazer a difusão daquela que, era para a Igreja, a visão certa da vida e deter os adversários. Era uma nova fase que começava na relação da Igreja com os meios de comunicação.

Quando a Igreja descobriu a importância que podiam ter os meios de comunicação, estávamos quase à porta do século XX. Surgiram então vários

jornais com objectivos bem definidos. Para além de defender a Igreja, o Papa, a doutrina e a moral de todo o tipo de ataques da cultura laica, estes jornais pretendiam também manter a união dos fiéis ao fornecer-lhes documentos para uma formação adequada. Crescia a ideia de que a Imprensa mais do que informar, servia para guiar a consciência das pessoas. Por isso, a Igreja não podia deixar que os adversários mantivessem o monopólio da Imprensa e considerava que os católicos deveriam aprender a servir-se destas novas formas de comunicar.

Pio IX acaba por mudar a sua opinião sobre a Imprensa quando louva o nascimento de dois jornais: O *La Civilità Cattolica* em 1850 e o *L'Osservatore Romano* em 1861. No entanto, esta é uma posição contraditória, dado que só o faz tendo em conta os objectivos apologéticos sob a direcção da Sé apostólica. Por todo o mundo católico começa a surgir a "Boa Imprensa".

Mais tarde o Papa Leão XIII (*Libertas*) reconhece que a imprensa se tornou uma necessidade e que desempenha uma função social útil. Vê-a como uma arma da religião e suporte dos costumes morais. No entender deste Papa, os membros do clero não podiam dirigir quaisquer jornais ou revistas sem que o bispo desse autorização. Sem esta mesma autorização também não era possível levar esses órgãos de comunicação para os Seminários, mesmo que fossem católicos.

Durante o pontificado de Pio XI, no ano de 1936, a encíclica *Vigilanti cura*, estuda a influência do cinema nos indivíduos e na sociedade. A partir daqui começa-se a ter uma outra visão sobre os meios de comunicação social. Pio XI promove neste mesmo ano a «Exposição Universal da Imprensa Católica», numa altura em que se começava a encontrar outros sentidos para

a imprensa. Deixava-se assim de ver a imprensa como um mero instrumento de propaganda e de lutas políticas, para se descobrir nela um veículo de promoção humana. A imprensa servia agora, não para guiar a consciência das pessoas mas, para formar as suas consciências e construir a cultura de um povo.

O terceiro período desta relação dos media com a Igreja, acontece no pontificado seguinte, de Pio XII. Tinha passado a II Grande Guerra quando este Papa reconhece a missão importante da imprensa, televisão, rádio e cinema para a tarefa de reconstrução de um mundo mais humano.

A Igreja encontrava-se agora pela primeira vez, em 1950, perante a Televisão. Um novo meio de comunicação, ainda pouco conhecido e desenvolvido mas, sobre o qual já se esperava que viesse a ser um instrumento de grande influência. Por isso, apela aos cristãos para que tomassem as devidas iniciativas de modo a fazerem sentir a sua presença neste novo campo da comunicação social.

João XXIII, define em 1959, na encíclica *Boni pastoris*, as atribuições da "Comissão Pontifícia para o cinema, rádio e a televisão". O mesmo Papa confere ainda numa acta de 16 de Novembro de 1959, personalidade jurídica à "Cinemateca Vaticana"[6].

O período conciliar é o culminar de um longo processo nesta relação da Igreja com a Imprensa. Surge o decreto *Inter Mirifica*, promulgado pelo Papa Paulo VI no dia 4 de Dezembro de 1963, que foi um passo em frente, em

---

6 Comunicacion de las ideas religiosas, in Diccionario de Ciencias y Tecnicas de la Comunicacion, Ediciones Paulinas, Madrid 1991, Pag. 244.

direcção a uma maior reflexão sobre o tema das Comunicações Sociais. Mas nesta, a relação entre a Igreja e os meios de comunicação, teve uma influência muito maior a constituição *Gaudium et spes* e a própria *Lumen gentium*[7].

O documento pós-conciliar mais importante sobre as comunicações sociais, é a Instrução Pastoral *Communio et progressio*, escrita pela Comissão Pontificia e aprovada por Paulo VI. Este documento inspira-se, entre outros aspectos, na visão conciliar do diálogo Igreja-Mundo e na procura comum de um futuro melhor para o homem. «A comunhão e o progresso da convivência humana são os fins primordiais da comunicação social e dos meios que empregam, como sejam: a Imprensa, o Cinema, a Rádio e a Televisão»[8].

Vinte anos depois da *Communio et progressio*, para comemorar e assinalar a importância deste documento, surge a *Aetatis Novae*. Mais do que um novo documento, esta Instrução Pastoral é uma actualização do documento anterior. Procura acima de tudo reafirmar e relançar uma recta concepção de comunicação social, tendo em conta que nos vinte anos de vigência da *Communio et progressio* surgiram novas formas de comunicar que vieram colocar novos desafios à Igreja.

Hoje, "A Igreja é chamada não somente a usar os media para difundir o Evangelho, mas também, mais que nunca, a integrar a mensagem salvífica na 'nova cultura' que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam. A Igreja adverte-nos de que o uso das técnicas e das tecnologias

---

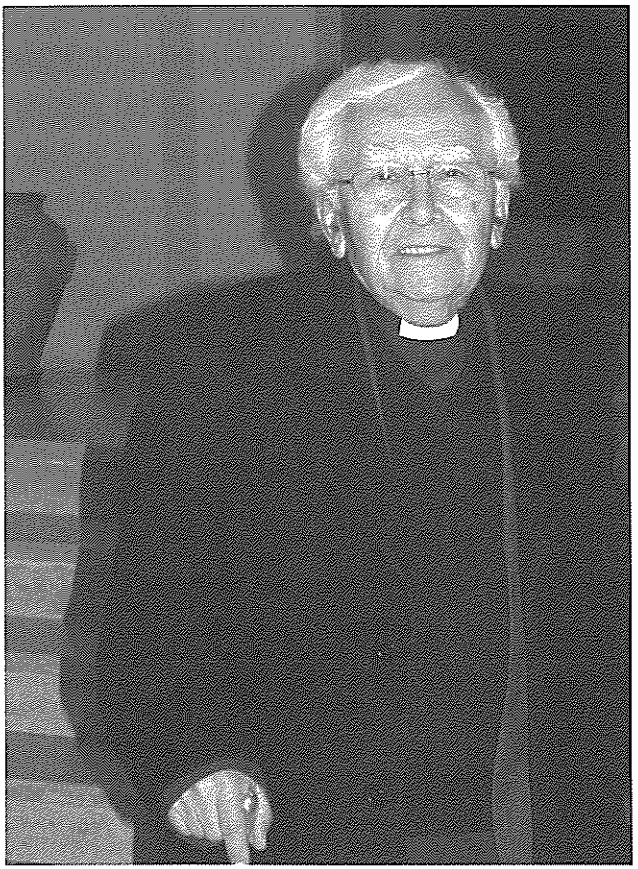
7 Documentos Conciliares que abordam a relação entre a Igreja e o mundo, e a natureza, o mistério e a missão da Igreja, respectivamente.

8 Introdução da Instrução Pastoral Communio et progressio, In Os meios de Comunicação Social na Visão da Igreja, Secretariado Geral do Episcopado, Editorial A. O. , Braga 1984, Pag.21.

da comunicação contemporânea faz parte integrante da sua missão no terceiro milénio. [...] Os meios de comunicação social atingiram tal importância que, para muitos, são o instrumento principal que os guia e inspira nos seus comportamentos pessoais, familiares e sociais. Trata-se de um problema complexo, já que essa cultura nasce menos dos conteúdos que do próprio facto de existirem novos modos de comunicar com técnicas e linguagens inéditas"[9].



[9] João Paulo II, Carta apostólica «*O rápido desenvolvimento*», 24 de Janeiro de 2005, n°2-3.



OS NOVENTA ANOS DO CÓNEGO JOSÉ FERREIRA

A festa dos noventa anos do Cónego José Ferreira foi simples e o Senhor emprestou-lhe a beleza própria dos momentos onde a verdade e a caridade se abraçam. Além do Senhor Patriarca que presidiu e de D. Albino Cleto, bispo de Coimbra, estiveram presentes D. Carlos Azevedo e D.

Anacleto, bispos auxiliares do Sr. Patriarca, D. João Alves e D. Augusto César e muitos padres do Patriarcado e da diocese de Santarém. Compareceu também um grupo numeroso de "ex-padres": Abílio Cardoso, Artur Lemos, António Correia, Francisco Fanhais, Quintas, Paulo Trindade e muitos outros e também antigos seminaristas. O Fanhais cantou... e encantou. Houve reconciliação e alegria em torno do "Pe. Zé". "Memória viva desta casa" ajudou, por ser quem é e por estar onde está, a fazer este reencontro de gerações em que algumas feridas antigas sararam.

Transcrevemos aqui a bela carta que D. Manuel Clemente, bispo do Porto e antigo reitor desta casa, na impossibilidade de vir pessoalmente, enviou ao feliz nonagenário:

> *Associo-me deste modo aos noventa ditosos anos do Senhor Cónego José Ferreira. Ditosos para ele, por serem muitos e plenos; ditosos para todos os que ganhámos com o seu convívio e saber, que foram igualmente luminosos e preenchidos.*
>
> *Para todos os que fomos seminaristas dos Olivais nos anos setenta, o Padre José Ferreira foi uma presença marcante. Éramos muito poucos, comparados com os que tinham sido pouco antes. Entre as incertezas daquele tempo social e eclesial, o Seminário como que renasceu. Em torno da lucidez conciliar do nosso Reitor e actual Cardeal Patriarca, D. José Policarpo, do companheirismo amigo do Padre Carlos Paes, da direcção espiritual dos Padres José Vicente e Orlando Leitão...*
>
> *E em torno - hoje especialmente em torno - da Liturgia viva que o Padre José Ferreira incarnava e transmitia. Quantas vezes nos falou ele da herança que não se podia perder, que recebera de Monsenhor Pereira dos Reis e que o Cardeal Cerejeira inculcara assim: "Não deixeis morrer a Liturgia, que foi a flor desta casa e coisa nova em*

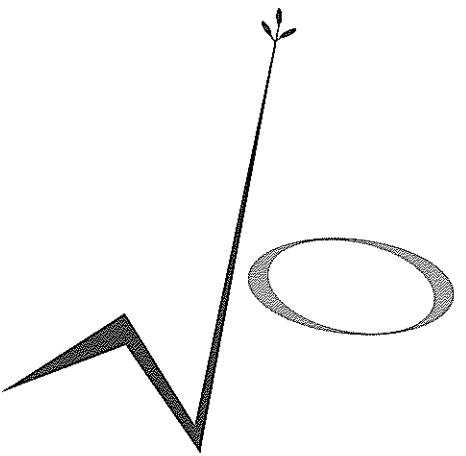
Portugal!". - Quanto tempo gastou, com a persistência que só têm os convictos, ensinando-nos quase tudo de princípio, quer em relação ao que sobrara da Liturgia préconciliar, quer em relação ao que chegava do movimento litúrgico contemporâneo! Fosse alguma reminiscência do que aprendera em Paris, anos antes, fosse a última composição do Padre Manuel Luís. Com ele recomeçámos a cantar, mesmo "a vozes" e alguns em gregoriano; com ele voltámos à Sé; com ele renasceu a tradição do Seminário dos Olivais, neste matiz mais belo da casa.

E, sobretudo, com ele fomos mais introduzidos e centrados no "mistério pascal", como essência permanente do culto e da vida cristã. Muito distraído seria qualquer seminarista dos Olivais daquela década e das seguintes que não tivesse aprendido ou absorvido isto mesmo do Padre José Ferreira, tão intensamente o absorvera ele primeiro, o celebrava ele depois e sempre, com o mais corrente motivo, na mais diversa ocasião.

Com a amizade com que sempre me tratou, foi o maior legado que me passou também. E é neste legado - o mistério pascal vivido e celebrado - que com ele e todos os seus amigos de ontem, hoje e amanhã, eu quero agradecer a Deus a vida bonita e o ministério fecundo do Cónego José Ferreira!

+ Manuel Clemente, Bispo do Porto

Agradecemos ao Senhor o dom da vida do Cónego José Ferreira, e agradecemos também a ele a presença discreta e marcante no meio de nós que nos ajuda a ter uma perspectiva mais completa do presbitério diocesano.



CRÓNICA

(Fevereiro a Julho de 2008)

Fevereiro

Iniciámos a nossa caminhada quaresmal na Sé Patriarcal, este ano coincidente com o arranque do segundo semestre académico, com a imposição das cinzas pelo Senhor Patriarca, rito penitencial que nos convida a viver em conversão permanente.

No primeiro Domingo da Quaresma, dia 10, na Sé, o Senhor Patriarca conferiu a Ordem de Presbítero ao João Gonçalves, que celebrou Missa Nova na igreja do Algueirão no dia 17. Nessa mesma tarde tiveram início as Catequeses Quaresmais do Senhor Patriarca, também na Sé, este ano centradas na Palavra de Deus.

Como habitualmente, a nossa comunidade fez o seu retiro anual no início da Quaresma na Casa de Espiritualidade do Turcifal, este ano pregado por D. Manuel Madureira Dias, Bispo Emérito do Algarve. Meditando e rezando com a Sagrada Escritura ao longo dos vários dias, foi também todo ele centrado na Palavra de Deus, como mediação para falarmos com Deus e Deus falar connosco.

A quarta-feira comunitária de dia 27 foi dedicada ao ciclo "Conhecer Algumas Realidades Eclesiais", com a apresentação da "Comunidade Emanuel". Ficámos, assim, a saber um pouco mais sobre a história e a vivência deste movimento, ainda novo em Portugal, e do seu carisma de viver o Renovamento Carismático no seio da vida diocesana.

Março

Monsenhor Luigi Roberto, Secretário da Nunciatura, veio falar-nos sobre a Encíclica "Spe Salvi" do Papa Bento XVI, na Quarta-feira, dia 5. Foi um serão bem passado, não só pela abordagem séria e profunda do tema em questão, como pela simpatia e bom-humor a que Monsenhor Roberto já nos habituara.

Na semana seguinte, a nossa comunidade participou no lançamento das "Obras Escolhidas" do Cardeal Ribeiro, que teve lugar na sacristia do Mosteiro de São Vicente de Fora, sob a presidência do Senhor Patriarca, obra que foi apresentada pelo Senhor Reitor e pela Doutora Maria Manuela de Carvalho.

Dia 12, quarta-feira, a nossa comunidade viveu festivamente as instituições, conferidas pelo Senhor Patriarca ao Miguel Pereira e ao Nuno Fernandes no leitorado, e ao Carlos Pinto e ao Ricardo Ferreira no acolitado. Este é sempre um momento marcante na vida da comunidade, em que a Igreja vai confirmando a nossa caminhada vocacional. Nesta ocasião cantou-se pela primeira vez um "Kyrie" e um "Sanctus" compostos pelo Rui Fernandes.

Como preparação para a "Semana Maior" que se aproximava, o Cónego João Marcos apresentou uma exposição com reproduções de obras do pintor alemão Padre Sieger Koeder e textos do Papa Bento XVI.

E, assim, partimos para celebrar o Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor nas nossas igrejas locais, junto dos sucessores dos Apóstolos. Em Lisboa vivemo-lo este ano numa profunda experiência comunitária em Seminário, reunindo-nos ainda na quarta-feira para bem viver o Tríduo Pascal. Como introdução à sua celebração, o Cónego João Marcos fez-nos então uma catequese sobre o simbolismo do "Seder Pascal", aprofundando toda a sua riqueza espiritual,

sentido que prolongámos numa Hora Santa de adoração ao Senhor, na noite de Quinta Feira, e numa Via-Sacra gelada pelo nosso Parque na noite de Sexta Feira Santa.

Após a Vigília Pascal, ponto culminante de todo o ano litúrgico, confraternizámos numa "Ceia" no Seminário, na qual desfrutámos da companhia de Monsenhor Luigi Roberto, de todos conhecido e grande amigo da Casa. Depois da Missa da Ressurreição, o Senhor Patriarca agradeceu as saudações de Boas Festas e, em breves palavras, destacou a importância da Sagrada Liturgia para toda a Diocese, em particular da liturgia da Sé, agradecendo a forma como o Seminário tem contribuído para a sua dignificação,

Revigorados por este encontro tão forte com o Senhor, regressámos ao convívio das nossas famílias. Foram, de facto, muito belos e densos de sentido estes dias santos, celebrados em comunhão com o nosso Bispo na Sé, com a beleza, solenidade e profundidade da sua liturgia.

A Oitava da Páscoa, Domingo da Misericórdia, foi motivo de redobrada alegria para o Patriarcado de Lisboa, pela ordenação episcopal do seu novo bispo-auxiliar, o Senhor D. Joaquim Mendes, no Mosteiro dos Jerónimos. Esta foi precedida no Sábado por uma Vigília de Oração nas Oficinas de São José, casa da Sociedade Salesiana em Lisboa.

Abril

Os serões das quartas-feiras comunitárias do mês de Abril foram preenchidos com temáticas muito variadas. Assim, tivemos ocasião de contactar mais de perto com a Prelatura do Opus Dei, dando continuidade ao ciclo "Conhecer Algumas Realidades Eclesiais", através do seu Vigário Regional, Monsenhor José Rafael Espírito Santo. Tivemos depois os testemunhos da vivência do ministério diaconal pelos novos diáconos e recebemos, no dia trinta, a visita do Senhor D. Joaquim Mendes, para uma conversa informal de testemunho pessoal e mútuo conhecimento.

O Dia Mundial de Oração pelas Vocações, no Domingo, dia 13, foi vivido este ano no Bombarral com a VI Jornada Diocesana da Juventude,

em que participámos acompanhados pelos jovens das paróquias onde decorre a nossa iniciação pastoral.

Nos dias 18 e 19 tivemos a recolecção de Páscoa, pregada pelo Padre Luís Alberto, que nos convidou a meditar no que é o centro do Tempo Pascal - o encontro com Cristo Vivo - dizendo como os Apóstolos: "Vimos o Senhor!"

No dia 28, demos as boas vindas ao Samuel Pulikal, que chegou da Diocese de Cochim, na Índia, para frequentar o nosso Seminário, ficando integrado no terceiro ano. Com ele chegaram também os Padres Jobi John e Lawrence Pollayil, que residirão no Seminário no decurso das investigações académicas que vêm realizar em Portugal.

Já no final do mês, o seminário acolheu durante cinco dias a Reunião Internacional da revista "Communio", com a presença de inúmeros teólogos oriundos de várias partes do Mundo, que aqui permaneceram ao longo da semana.

A comunidade teve assim a oportunidade de contactar directamente com alguns dos mais reputados académicos católicos e, de certo modo, experimentar a dimensão multiforme da universalidade da Igreja.

Maio

A Festa de São José, este ano transferida para a Memória de São José Operário, reuniu padres, seminaristas, amigos e benfeitores do Seminário de Caparide, num convívio verdadeiramente fraterno, fundamental no reforço do sentimento de união num mesmo Seminário que, de facto, formamos.

Na primeira quarta-feira do mês, tivemos a presença dos padres ordenados em 2007, que nos deram o seu testemunho pastoral. Entre as exigências e também algumas dificuldades do seu múnus pastoral, ressaltou sobretudo a alegria que transmitiram pela beleza e grandiosidade da missão que lhes foi confiada, como cumprimento da vontade de Deus nas suas vidas.

Foi também com muita alegria que celebrámos o aniversário do Senhor Reitor no dia 12. Manifestámos-lhe a nossa comunhão e gratidão pela sua entrega a todos nós com a execução algumas peças corais.

Na quarta-feira, dia 14, tivemos o privilégio de acolher o actor Rui de Carvalho, que nos falou da sua extraordinária experiência de vida, que o é também de Fé, falando com amor do seu "sacerdócio", o teatro, vivido com paixão e entrega.

Nesse mesmo dia realizou-se no Seminário Dehoniano de Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide, a final do Torneio de Futebol Inter-Seminários – "Jesus Nika" - que decorrera ao longo das últimas semanas. Este torneio, organizado pelos Seminaristas Dehonianos, teve como grande objectivo o estreitar de laços entre as várias casas de formação religiosa existentes no Patriarcado de Lisboa. Após a Santa Missa, presidida pelo seu Reitor, Padre José Agostinho de Sousa, tivemos um jantar convívio, animado musicalmente pelos seminaristas de Cabo Verde e da Madeira, onde não faltaram as "Mornas" e "Bailinhos".

Com o serão comunitário desta quarta-feira teve inicio um ciclo de conferências dedicado a São Paulo, a cargo dos alunos do sexto ano, que se prolongou pelas quartas-feiras seguintes.

O Dia da Igreja Diocesana, na Solenidade da Santíssima Trindade, congregando o Povo de Deus em torno do seu Bispo, levou-nos este ano a São Vicente de Fora. Foi apresentado o Programa Diocesano e o calendário do próximo ano pastoral.

Na quarta-feira dia 21, assinalámos o décimo aniversário da morte do Cardeal D. António Ribeiro, com uma Missa de sufrágio pela sua alma no Mosteiro de São Vicente de Fora, presidida pelo Senhor Patriarca.

Preparámo-nos para viver a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor com o Sagrado Lausperene, em adoração nocturna, que concluímos com o canto de Laudes Matutinas. Após o Pontifical na Sé, participámos na Procissão do Corpo de Deus, que continua a ser uma impressionante manifestação de fé na presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia, percorrendo com Ele as ruas da cidade.

No domingo dia 25, a diocese de Santarém celebrou jubilosamente na sua Sé a instituição no ministério de Leitor do Ricardo Pinto, conferida

pelo Senhor D. António Pelino.

Os últimos dias do mês foram marcados por dois importantes acontecimentos: os 90 anos do Cónego José Ferreira, memória viva da Casa, de que se dá notícia em lugar próprio, e a sempre aguardada festa de finalistas, este ano preparada pelo Curso Beato João XXIII. A Casa transformou-se para acolher verdadeiras "instalações", de vincado cunho "artístico", alusivas aos "futuros" padres, festa que se concluiu com a representação da peça teatral "Mar Adentro", sobre o naufrágio de uns "santos" missionários.

Junho

Junho é época de exames, tempo de prova e de provas, em que os diversos cursos se esmeraram por brindar os colegas nas ceias das quartas-feiras, onde não faltaram sequer as sardinhas na noite de Santo António.

Logo no início do mês, recebemos uma visita especial: cerca de quinhentas crianças da catequese da Paróquia do Algueirão vieram visitar o Seminário e passar um dia de oração e convívio no "Coração da Diocese", ficando a conhecer um pouco melhor onde e como vivem os seminaristas.

O passeio anual do Seminário, no dia 13, teve como destino terras de Beja. Em Castro Verde celebrámos a eucaristia da Festa de Santo António na imponente Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição, lugar de antigas memórias associadas à fundação de Portugal e que guarda um riquíssimo espólio artístico. Dirigimo-nos depois para a cidade de Beja, onde almoçámos no seminário diocesano, o que proporcionou um convívio mais próximo com os nossos colegas de Beja, que nos guiaram depois num belíssimo percurso pelo património histórico-artístico desta cidade monumental. Na recentemente restaurada igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, jóia da Arte Barroca, fomos então recebidos pelo Senhor D. António Vitalino Dantas, Bispo de Beja. Culminámos a nossa jornada no Santuário de Vera Cruz de Marmelar onde rezámos a Hora de Vésperas e venerámos a relíquia do Santo Lenho, um pedaço da Verdadeira Cruz, aí conservado desde tempos imemoriais num precioso altar medieval. Com ela foi-nos dada a bênção, que nos avivou o sentido da Cruz que o Senhor nos

convida a abraçar com amor.

No dia 17, reunimo-nos no Seminário Diocesano Redemptoris Mater de Nossa Senhora de Fátima para as Instituições no Ministério de Acólito e de Leitor, conferidas pelo Senhor Patriarca, o que é sempre motivo de acção de Graças para a Diocese, mas também para as Comunidades Neocatecumenais. Nessa mesma semana assistimos à conferência de D. Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício da Cultura, que teve lugar na Universidade Católica com o tema «A Bíblia, "grande código" da cultura ocidental».

Sexta-feira, dia 20, recebemos a Visita Pastoral do Senhor Patriarca que culminou com a celebração da Santa Missa, durante a qual foram admitidos às ordens sacras o Carlos Pinto e o Ricardo Ferreira.

No dia seguinte, realizámos a "revisão do ano", de forma serena e construtiva, em que foram manifestas as inevitáveis debilidades de uma comunidade humana, mas também um real desejo de comunhão e de fazer caminho com o Senhor.

No dia 24, nonagésimo aniversário do Senhor D. António dos Reis Rodrigues, participámos na celebração eucarística na Basílica dos Mártires, presidida pelo Senhor Patriarca, em acção de graças pela sua vida inteiramente entregue à Diocese de Lisboa. Dois dias depois foi a vez de celebrar o jubileu da ordenação presbiteral do Senhor Cónego Francisco Tito, em Linda-a-Velha, a que a nossa comunidade se quis associar, exprimindo profunda gratidão pelos vários anos dedicados ao Seminário como Vice-Reitor.

E chegou o dia das Ordenações que é o culminar de cada ano de Seminário: aqueles que Deus elegeu são configurados a Cristo-Sacerdote pelo Sacramento da Ordem, para desempenharem na Igreja o ministério presbiteral, como colaboradores do nosso Patriarca no serviço ao Povo de Deus, à imagem do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

As ordenações foram preparadas com uma Vigília de Oração no sábado, dia 28, na Igreja de São Paulo em Lisboa, que foi integrada na actividade evocativa da abertura do Ano Paulino e dos trinta anos de ministério episcopal do Senhor

Patriarca. Esta Vigília constituiu um dos momentos mais marcantes do programa 24 XPTO, organizado pelos Sectores da Animação Vocacional, da Pastoral da Juventude e da Pastoral Universitária, que mobilizou largas dezenas de jovens do Patriarcado. Foi uma verdadeira maratona noite dentro, com caminhadas, momentos de oração e reflexão, concluída no Mosteiro dos Jerónimos com a Missa das Ordenações.

Assim, na Solenidade de São Pedro e São Paulo, o Senhor Patriarca ungiu as mãos do Abel, Abílio, Daniel, João, Marcelo, Romualdo e Yovanni, os sete novos Presbíteros do Patriarcado de Lisboa.

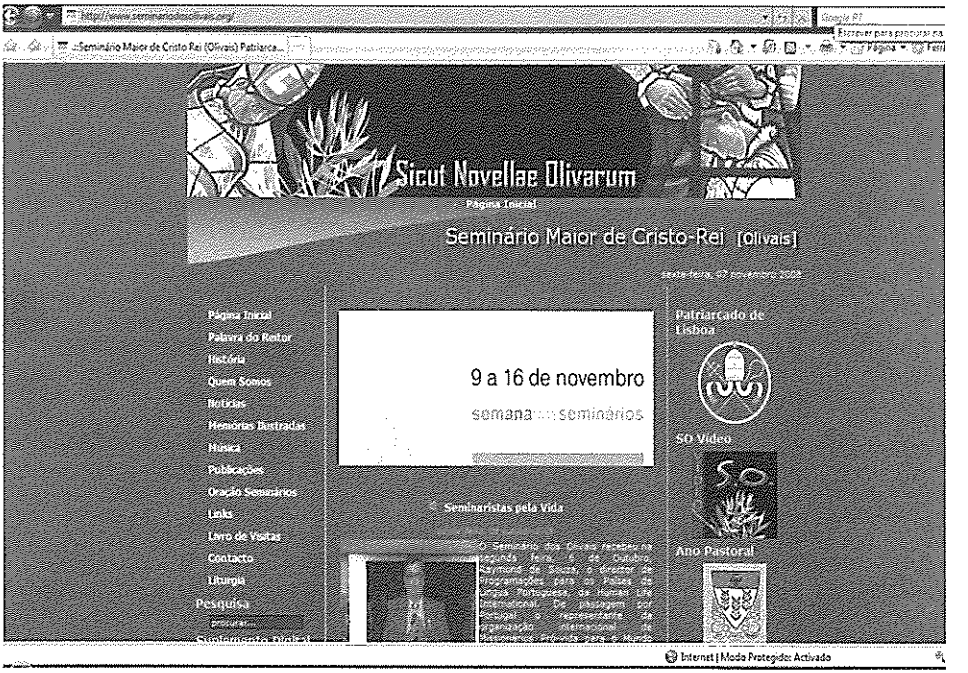
Julho

O mês de Julho foi marcado pela alegria vibrante das Missas Novas, ocasião de celebração e festa de toda a comunidade cristã pelos dons concedidos por Deus ao Seu Povo no sacerdócio do Novo Padre. Este tempo de festa culminou no Sábado, dia 26, na Diocese do Funchal, com as ordenações sacerdotais do Élio , do Vítor e do Estêvão, pelo Senhor D. António Carrilho.

E assim partimos para as breves férias que dantes se chamavam (e eram) férias grandes em que cada um, sem o enquadramento e a disciplina da vida comunitária continua a sua formação para o ministério sacerdotal aprendendo a viver na fidelidade e a responder generosamente ao chamamento do Senhor.



Visite-nos



www.seminariodosolivais.org